

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
CENTRO DE EDUCAÇÃO CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS – CECEN
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – DG
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

POLLYANA MOURA NASCIMENTO



<https://memoria.ebc.com.br/educacao/galeria/videos/2013/09/morte-e-vida-severina>

LINGUAGEM POÉTICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: um estudo de caso da obra “Morte e vida Severina”, como recurso didático.

SÃO LUÍS
2022

POLLYANA MOURA NASCIMENTO

LINGUAGEM POÉTICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: um estudo de caso da obra “Morte e vida Severina”, como recurso didático.

Monografia apresentada ao Curso de Geografia da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Iris Maria Ribeiro Rocha.

SÃO LUÍS
2022

Nascimento, Pollyana Moura.

Linguagem poética no ensino de geografia: um estudo de caso da obra “Morte e vida Severina”, como recurso didático / Pollyana Moura Nascimento. – São Luís, 2022.

116f

Monografia (Graduação) - Curso de Geografia, Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

Orientadora: Profa. Dra. Íris Maria Ribeiro Rocha.

1.Literatura. 2.Poesia. 3.Ensino de Geografia. I.Título.

CDU: 911:[37.091.33:82-1]

POLLYANA MOURA NASCIMENTO

LINGUAGEM POÉTICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: um estudo de caso da obra “Morte e Vida Severina”

Monografia apresentada ao Curso de Geografia da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciada em Geografia.

Aprovada em: 09 / 01 / 2023

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Iris Maria Ribeiro Rocha
Dra. em Ciências Sociais – UFPA
Universidade Estadual do Maranhão
(Orientadora)



Prof. Dr. Eduardo Celestino Cordeiro
Dr. em Geografia - UFRJ
Universidade Estadual do Maranhão



Prof. Dra. Ana Rosa Marques
Dra. em Geografia – UNESP
Universidade Estadual do Maranhão



https://portalgeek.com.br/pdf/posts/morte-e-vida-severina-obra-joao-cabral-de-melo-neto/morte_vida_severina_quadrinhos.pdf

Aos meus pais
Maria Meres (in memoriam)
e Valdemar Barbosa.

AGRADECIMENTOS

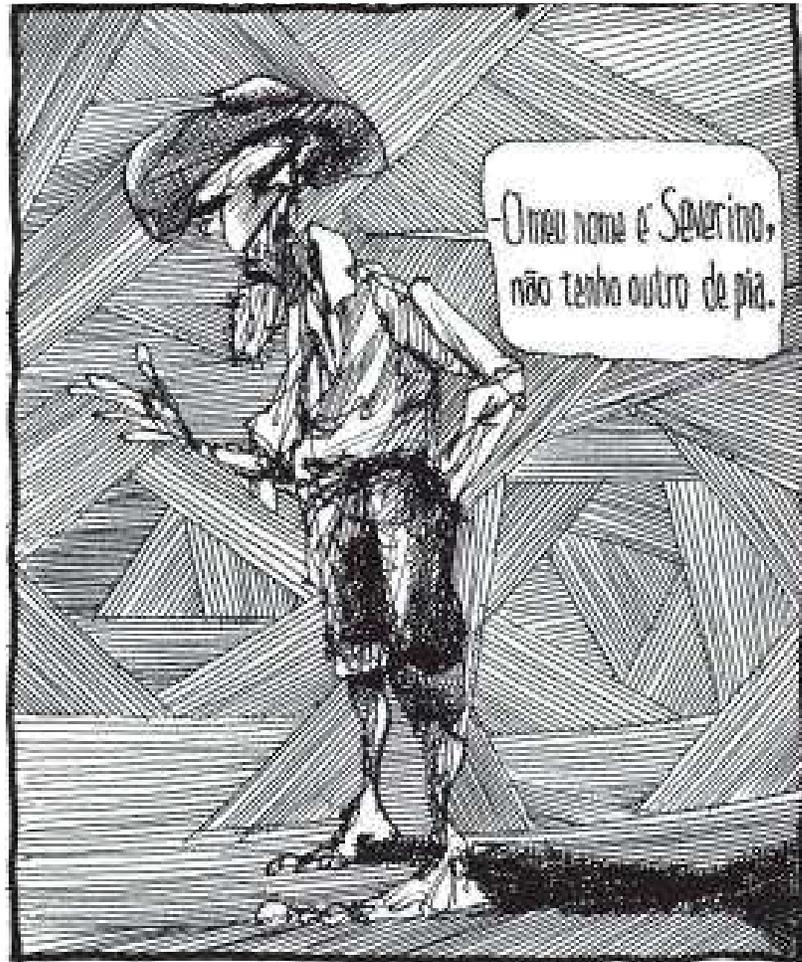
A Deus, pois “Tudo posso naquele que me fortalece.” (Filipenses 4:13). Aos meus pais, Valdemar Barbosa Correia e em especial a minha mãe Maria Meres Moura Correia (*in memoriam*), que não pode ver mais essa conquista, mas a quem tenho muito o que agradecer.

Ao meu marido Ary Marley Nascimento Silva, pelo apoio e incentivo para que conseguisse concluir essa tarefa.

A minha orientadora Profa. Dra. Iris Maria Ribeiro Porto, por toda a orientação, pelo profissionalismo, paciência e pelas suas contribuições que foram primordiais para realização desse trabalho. Meu respeito e reconhecimento.

Aos professores do curso de Geografia Licenciaturas da UEMA, meus sinceros agradecimentos. Carrego em minha memória boas lembranças de motivação, incentivo, desafios e criatividade na qual tive o privilégio de vivenciar.

A todas as pessoas que contribuíram com palavras de incentivo quando pensei não ser possível concluir a graduação. Essas são lembranças de gratidão que ficarão eternizadas em minha mente e em meu coração.



https://portalgeek.com.br/pdf/posts/morte-e-vida-severina-obra-joao-cabral-de-melo-neto/morte_vida_severina_quadinhos.pdf

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte.”
(Euclides da Cunha, livro Os Sertões)

RESUMO

Este trabalho monográfico versa sobre a utilização da poesia como recurso didático no ensino de Geografia. Tem como base para o estudo a poesia “Morte e Vida Severina”, publicada pela primeira vez em 1955 pelo poeta João Cabral de Melo Neto. A poesia mostra a trajetória de um retirante chamado “Severino”, como tantos outros. A obra é a narrativa em versos do trajeto percorrido pelo nordestino desde a Serra da Costela até o litoral do Recife (PE). Acompanhando o curso do rio Capibaribe, ele busca sobreviver a seca e as condições precárias de vida. É uma pesquisa aplicada. Utiliza como método o Histórico-dialético. Como tipo de pesquisa segundo os objetivos é Exploratória. Com relação ao pesquisador/sujeito, é pesquisa Qualitativa na medida em que trabalha com valores, crenças e aspectos não quantificáveis. Quanto aos procedimentos técnicos de coleta de dados é um Estudo de Caso. Chega ao Estado da Arte por meio de um levantamento bibliográfico nas categorias elencadas na investigação: Formação de Professor, Ensino de Geografia e Literatura. Por meio desse expediente fica claro que usar recursos não-convencionais potencializa sobremaneira a construção de conhecimentos das temáticas geográficas. Faz uso de materiais bibliográficos de autores que dialogam com a linguagem literária\poética e o ensino de Geografia. A coleta dos dados foi feita através da ferramenta *Google Forms*. Apresenta, como resultado a partir dos dados obtidos, a constatação de que a poesia não é um recurso facilmente utilizado pelos professores de Geografia porque o ensino da disciplina ainda segue em grande parte da realidade escolar, o mesmo contexto tradicional em que foi concebida historicamente no cenário educacional com modelos, recursos e planejamentos estanques e necessita de um refazer pedagógico. Conclui que é necessário ressignificar os recursos metodológicos usados no ensino de Geografia. Essa ação deve partir da formação inicial, no entendimento das necessidades docentes, em primeiro plano, para que esse reflexo incida no desenvolvimento da disciplina.

Palavras-chave: ensino; Geografia; Literatura. poesia; recurso didático.

ABSTRACT

This monographic work deals with the use of poetry as a didactic resource in the teaching of Geography. Its basis for the study is the poetry “Morte e Vida Severina”, first published in 1955 by the poet João Cabral de Melo Neto. The poetry shows the trajectory of a migrant called “Severino”, like so many others. The work is a narrative in verses of the route taken by the northeasternner from Serra da Costela to the coast of Recife (PE). Following the course of the Capibaribe River, it seeks to survive the drought and precarious living conditions. It is applied research. It uses the Historical-dialectical method as a method. As a type of research according to objectives, it is Exploratory. With regard to the researcher/subject, it is Qualitative research insofar as it works with values, beliefs and non-quantifiable aspects. As for the technical procedures for data collection, it is a case study. It arrives at the State of the Art through a bibliographic survey in the categories listed in the investigation: Teacher Training, Teaching of Geography and Literature. Through this expedient it is clear that using non-conventional resources greatly enhances the construction of knowledge of geographic themes. It makes use of bibliographical materials of authors that dialogue with the literary\poetic language and the teaching of geography. Data collection was done using the Google Forms tool. It presents, as a result from the data obtained, the finding that poetry is not a resource easily used by Geography teachers because the teaching of the subject still largely follows the school reality, the same traditional context in which it was historically conceived in the educational scenario with watertight models, resources and planning and needs a pedagogical redo. It concludes that it is necessary to reframe the methodological resources used in Geography teaching. This action must start from the initial training, in the understanding of the teaching needs, in the foreground, so that this reflection affects the development of the discipline.

Keywords: teaching; Geography; literature. poetry; didactic resource.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Carta de Pero Vaz de Caminha	25
Figura 02 - O Caramuru (José de Santa Rita Durão)	25
Figura 03 - O Mulato (Aluísio de Azevedo)	26
Figura 04 - Os Sertões (Euclides da Cunha)	27
Figura 05 - HQ Morte e Vida Severina (João Cabral de M.Netto/ Miguel Falcão).....	48
Figura 06 - Tipos livros de paradidáticos artesanais: Bolsa, Folder, Rolo, Sanfonado e Trilha.....	50
Gráfico 1 - Professores que fazem uso de algum gênero literário.....	52
Gráfico 2 - Professores que utilizam poesia nas aulas de Geografia.....	52
Gráfico 3 - Poesia como um recurso pedagógico viável.....	53
Quadro 1 - Uso da poesia pelos professores de Geografia.....	53
Gráfico 4 - Professores que conhecem a poesia “Morte e Vida Severina”	55
Gráfico 5 - A poesia “Morte e Vida Severina” na compreensão de assuntos geográficos.....	56
Quadro 2 - Dificuldades que impedem a utilização da poesia no ensino de Geografia.....	57
Gráfico 6 - Recursos didáticos para o ensino-aprendizagem dos estudantes.....	59

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 METODOLOGIA	18
3 INTERFACES ENTRE O ENSINO DE GEOGRAFIA E LITERATURA	21
3.1 A Geografia na Literatura	24
4. GEOGRAFIA E POESIA NA SALA DE AULA	28
5. UM ESTUDO DE CASO COM A POESIA MORTE E VIDA SEVERINA: possibilidades no ensino de Geografia.....	39
5.1 Outras possibilidades com a poesia no estudo de caso.....	46
6 O QUE DIZEM OS PROFESSORES: UM OLHAR PARA A POESIA.....	51
7 CONCLUSÃO	61
REFERÊNCIAS.....	64
APÊNDICE - QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS PROFESSORES.....	72
ANEXO - POESIA MORTE E VIDA SEVERINA.....	73

1 INTRODUÇÃO

A educação proporciona ao indivíduo o desenvolvimento intelectual por meio do conhecimento científico. No momento atual, a sociedade passa por diversas transformações que influenciam diretamente no campo educacional. Santos (2006, p.238) diz que “Estamos diante da produção de algo novo, a que estamos chamando de meio técnico-científico-informacional”. Esse contexto também traz mais desafios, uma vez que vai além da mera instrução pois visa proporcionar uma educação crítica e humanizada direcionada para as atividades cotidianas dos indivíduos.

Nesse sentido a Geografia escolar analisa o homem em seu meio, questionando os vários aspectos que o compõem e a forma em que ele está inserido nesse espaço do ponto de vista social, ambiental, cultural e político. Para Pontuschka (2009), esses são temas estudados em sala de aula, para que os alunos se percebam como construtores do seu processo histórico e sociocultural. Nesse cenário, o educador tem o papel de mediador durante essa percepção do sujeito aprendiz, buscando ferramentas didáticas para auxiliá-lo na construção do seu próprio conhecimento.

Por isso, os professores têm explorado outros recursos didáticos, no intuito de tornar o conteúdo de Geografia mais interessante e dinâmico, para além da sua mera transmissão e para facilitar na aprendizagem. Dentre esses recursos, a Literatura tem se mostrado uma alternativa que possibilita trabalhar variados temas geográficos em sala de aula, além de estimular o gosto pela leitura.

A Literatura tem a capacidade de aumentar o conhecimento e expandir os horizontes desenvolvendo uma consciência crítica em relação ao meio que vive, permitindo formular opinião acerca dos mais variados assuntos

As relações entre Geografia e Literatura apresentam em comum a dimensão espaço-tempo da realidade, podendo estabelecer um diálogo crítico e reflexivo sobre o espaço geográfico em que o aluno está inserido. Para melhor compreensão da linguagem literária e poética, Hissa (2002, p.191) explica da seguinte forma:

A palavra literária e a palavra poética foram substituídas pela científica. Se a Geografia sucumbiu ao método de pensar científico, também sucumbiu ao “método de escrever científico”. Mudando sua forma de escrever, abandonou a Literatura. Abandonou a poesia. Qual o significado da linguagem poética diante da disciplina científica? A poesia também é conhecimento: “Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo, cria outro. (HISSA,2002, p.191).

A partir dessas considerações é que a pesquisa proposta se estrutura, buscando a interdisciplinaridade entre essas duas áreas: Geografia e Literatura, com estratégias metodológicas para contribuir na compreensão da dimensão econômica, política, cultural, demográfica e socioambiental do espaço geográfico e suas variadas possibilidades no processo de ensino e aprendizagem.

Em relação ao ensino de Geografia, a poesia vem contribuir como mais uma linguagem a ser compreendida pelos alunos no entendimento sobre o espaço, além de ser uma forma usada pelos estudantes para traduzir, em palavras, suas experiências de mundo. Sobre o Ensino de Geografia, Silva e Barbosa (2004, p.80) nos dizem que a Literatura amplia as concepções.

O Ensino de Geografia pela Literatura promove a ampliação das concepções conceituais e categóricas para os estudantes ao mesmo tempo em que estimula nova linguagem e, portanto, promove o desenvolvimento da capacidade crítica nos alunos para além do dogmatismo e da hierarquização de valores e conhecimentos orientados pelas metodologias positivistas ou mesmo pela exacerbação do relativismo estimulado pelos autores pós-modernos, em outras palavras, as relações filosófico-geográficas e didático-pedagógicas pela Literatura promovem a ampliação da interpretação do que seja o mundo e como o mesmo é organizado, essa verificação crítica será direcionada pelas experiências dos estudantes pela leitura imbricada à sua própria cotidianidade. (SILVA E BARBOSA, 2004, P.80).

Ainda que a Literatura possa transparecer uma linguagem subjetiva, ela expressa a realidade de um determinado contexto social, baseado nas experiências do autor da obra e com isso ela acompanha a evolução da sociedade. Considerando a contribuição da Literatura nacional para a construção da Geografia, pode-se exemplificar variadas obras destacadas por Corrêa e Rosendahl (2007, p.13):

O Brasil dispõe de uma rica produção literária e musical que interessa diretamente ao geógrafo. Em muitos textos literários e músicas, espaço e

tempo fazem parte da trama, necessitando está de ambos para ser construída. Os exemplos são numerosos. Na Literatura, temos Ferreira de Castro, Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Jorge Amado, Guimarães Rosa, Machado de Assis, Lima Barreto, Bernardo Elis e Érico Veríssimo, para citar apenas alguns. Produziram eles textos literários sobre diferentes contextos espaciotemporais brasileiros. A floresta amazônica, a caatinga, o cerrado, os campos e a cidade (pequena e grande) estão neles presentes. O extrativismo vegetal, a seca e o êxodo, o engenho e a usina, a fazenda de gado e a vida ali reinante, assim como a fazenda de cacau, acham-se retratados em diversos romances. (CORRÊA e ROSENDAHL, 2007, p. 13).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Geografia (1998), é possível utilizar textos da Literatura brasileira como recurso para estudo das categorias geográficas, principalmente a paisagem e o lugar, de modo que o aluno possa analisar a descrição e a representação do espaço geográfico, para interpretar o que foi abordado na obra.

Ao pretender o estudo das paisagens, territórios, lugares e regiões, a Geografia tem buscado um trabalho interdisciplinar, lançando mão de outras fontes de informação. Mesmo na escola, a relação da Geografia com a Literatura, por exemplo, tem sido redescoberta, proporcionando um trabalho que provoca interesse e curiosidade sobre a leitura desse espaço. É possível aprender Geografia desde os primeiros ciclos do ensino fundamental, mediante a leitura de autores brasileiros consagrados (Jorge Amado, Érico Veríssimo, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, entre outros), cujas obras retratam diferentes paisagens do Brasil, em seus aspectos sociais, culturais e naturais. (BRASIL, 1998, p.33).

Na perspectiva de Pinheiro (2002, p.16), “as temáticas sociais costumam ter também boa recepção. Textos que discutem preconceitos sociais, étnicos e questão de gênero suscitam debates às vezes calorosos e podem contribuir para formação humana de leitores”. Nesse sentido, a Literatura é um recurso multidisciplinar que pode ser explorado em outras disciplinas, não sendo restrita o seu uso apenas em Língua Portuguesa.

Dentre os gêneros literários, a poesia é o menos utilizado no processo pedagógico em sala de aula e, conseqüentemente o menos buscado pelos leitores, que podem evidenciar dificuldades quanto ao seu uso em ambiente escolar, como, as dificuldades de interpretação textual por parte dos alunos. Sua abordagem costuma ser realizada de maneira mais formal e teórica, pouco usada de forma lúdica, sem explorar sua linguagem subjetiva e musicalidade. Pinheiro (2002, p.17) enfatiza que “a experiência que o poeta nos comunica, dependendo do modo como

ela é transmitida ou estudada, pode possibilitar (ou não) uma assimilação significativa pelo leitor”.

Nesse processo de interpretação da poesia, cabe a mediação do professor em ajudar os estudantes a compreenderem melhor a mensagem da obra, dos sentimentos que estão misturados com aquela realidade e como ela pode ser comparada a realidade dos leitores. A poesia permite trabalhar aspectos como, ritmo, sonoridade, elementos visuais e isso facilita a captação pelos sentidos das expressões do mundo de uma forma prazerosa.

O uso da Literatura como recurso didático, em especial no ensino da Geografia, proporciona uma aula diferenciada, cheia de elementos investigativos que podem aguçar a curiosidade dos estudantes.

A Literatura dá prazer. A palavra é importante. Como se tem prazer ao sentir a harmonia de um quadro ou de uma Música. Há professores que só trabalham essa parte, mas a Literatura é muito mais que isso. Por ela, os estudantes podem descobrir também toda grandeza existente nos homens, para que saibam que essa grandeza existe neles igualmente (POSTUSCHKA et al., 2007, p. 237).

A partir das descobertas sobre as potencialidades da Literatura poética, surgiu o interesse da pesquisadora pelo tema, aplicando-a no ensino de Geografia. Por esse motivo, este trabalho discute através de um estudo de caso a utilização da obra “Morte e Vida Severina”, de autoria de João Cabral de Melo Neto, para trabalhar seus reflexos, tais como, paisagem, lugar, desigualdade social, miséria, fome, seca, relevo, hidrografia, migração, e outros em sala de aula, uma vez que a interpretação dos seus elementos simbólicos facilita o processo ensino-aprendizagem e pode despertar o interesse dos alunos.

A obra em referência foi publicada em 1955 e apresenta vários aspectos geográficos. É uma narrativa em versos do itinerário do nordestino Severino. O retirante sai da terra natal, a Serra da Costela, nos limites do sertão da Paraíba, rumo ao litoral do Recife (PE), acompanhando o curso do rio Capibaribe. O personagem principal busca por sobrevivência, fugindo da seca, da precariedade da condição de vida, comum para grande parte da população que vive naquele lugar, estando, portanto, atual.

Essa poesia regionalista traz um contexto em que podem ser feitas várias leituras, principalmente sobre a temática do Nordeste, especificamente sobre o Sertão Nordestino e suas sub-divisões. Além destes também podem ser explorados categorias geográficas, características físicas e temáticas sociais.

Diante do exposto, esse recurso didático possibilita as seguintes reflexões que constituem o problema da pesquisa: De que forma a linguagem poética da obra “Morte e Vida Severina” pode auxiliar no processo de ensino-aprendizagem da Geografia, possibilitando ao estudante aproximar da sua realidade, por meio dos seus significados produzidos e sua relação com o espaço geográfico?

Baseado nesse contexto, este trabalho tem como objetivo geral analisar através de um estudo de caso, de que forma a linguagem poética da poesia “Morte e Vida Severina” pode contribuir didaticamente para o ensino aprendizagem de Geografia e nesse sentido aproximar o conhecimento da realidade do estudante através da paisagem e da narrativa, assim como das reflexões que a poesia provoca.

Os objetivos específicos se constituem no expediente pelo qual o problema é resolvido de acordo com o objetivo geral, constituindo os capítulos da monografia. Eles são os seguintes: reconhecer a interface entre o ensino de Geografia e a Literatura para a utilização como recurso didático; discutir a poesia “Morte e Vida Severina” no ensino de temáticas geográficas através de um estudo de caso; desenvolver a partir do estudo de caso, um laboratório de poesia para o ensino de Geografia.

No tocante a justificativa desse trabalho, o interesse pela temática surgiu a partir das descobertas sobre as potencialidades da Literatura poética, aplicando-as no ensino de Geografia, em especial, no que diz respeito a obra “Morte e Vida Severina”, de autoria de João Cabral de Melo Neto, para trabalhar seus vários reflexos.

Ao fazer contato com a orientadora para discutir o tema a ser pesquisado, ficou evidenciado o interesse por temáticas na área do ensino, ela apresentou a possibilidade de estudo com a poesia, tema que já se inseria como área de interesse

pessoal da pesquisadora. A mesma sugeriu desenvolver uma pesquisa com essa temática em que fosse feito um estudo de caso como forma de aprofundar melhor a contribuição sobre a utilização de Literatura poética como recurso metodológico. Escolheu-se a poesia “Morte e Vida Severina” por conta dos elementos regionalistas contidos nela. Essa experiência com a Literatura permitiu diversas reflexões quanto a relevância acadêmica uma vez que esse trabalho poderá ser apreciado pelos futuros professores de Geografia, cujo recurso de ensino pode ser incorporado ao roteiro do futuro docente.

É de suma importância ressaltar que, ao longo da execução da pesquisa ficou nítido como a relação entre a utilização da poesia torna as aulas mais dinâmicas e aproxima os alunos na sua realidade cotidiana. No entanto deve-se observar que a utilização de recursos literários não é uma proposta recente para estudo da Geografia, conforme Lima (2000)

[...] o interesse pelo estudo das obras literárias sob uma abordagem geográfica não é recente. Desde a década de quarenta, os geógrafos franceses já manifestavam suas ideias no sentido de valorizar e recuperar a imensa riqueza de cunho geográfico que reside nos romances, contos, poesias, crônicas, entre outros gêneros literários (LIMA, 2000, p.9)

Portanto, a obra literária além de servir como fonte de pesquisa e sustento para atividades no âmbito acadêmico e escolar, ajuda o pesquisador a entender as relações sociais e as transformações no meio em que ocorrem. Pinheiro Neto afirma que ela possibilita ao pesquisador mergulhar na cultura,

[...] aprofundar nas características históricas, entendendo os meios físicos e culturais descritos pelo autor, que desenha lugares, paisagens, e outras categorias de estudo, para tanto, não interessa se reais ou ficcionais, elas são verdadeiras condições da vida humana, com características culturais, econômicas, históricas, éticas, morais estéticas e socioambientais. (PINHEIRO NETO 2010, p.26).

Diante disso é de suma importância conhecer o que diz o Documento Curricular do território Maranhense -DCTM (2019, p.391) sobre a aprendizagem na educação geográfica. Ele faz a seguinte declaração:

Assim, faz-se necessária a compreensão de que as aprendizagens desenvolvidas a partir dos conhecimentos geográficos são fundamentais na formação de sujeitos críticos e autônomos. Esses sujeitos, compreendendo a dimensão socioespacial como uma construção social, devem agir sobre o espaço geográfico de forma consciente para diminuir as desigualdades sociais que fazem parte da sociedade e que estão

relacionadas aos processos de apropriação do espaço, assim como agir sobre os elementos que propiciam a assimilação de conceitos geográficos que se relacionam com as diversas formas de vivências nesse espaço. (Maranhão, DCTM 2019, p. 391).

Em face do exposto este trabalho monográfico está organizado em 06 (seis) capítulos, com a seguinte configuração.

No capítulo 1 (um) – *Introdução*, faz-se as primeiras discussões sobre a temática a ser verticalizada no corpo do trabalho. Nele são apresentados o cenário da pesquisa, os objetivos, pressupostos e objetivos.

No capítulo 2 (dois) – *Metodologia*, apresentam-se os caminhos metodológicos da construção da pesquisa, indicando o método utilizado, o tipo de pesquisa quanto à natureza, ao objetivo, ao método de coleta de dados, a relação pesquisador/participante e os participantes da pesquisa,

No capítulo 3 (três) – *Interfaces entre o ensino de Geografia e Literatura*, realizou-se um levantamento histórico sobre a introdução da Literatura no ensino de Geografia.

No capítulo 4 (quatro) – *Geografia e poesia na sala de aula*, buscou-se apresentar a evolução da Geografia e a sua relação com a Literatura, nos âmbitos escolar e acadêmico. Foi realizado um breve resumo da obra e em seguida, a análise se deu em torno das potencialidades da obra poética “Morte e Vida Severina”, enquanto recurso didático pedagógico.

No capítulo 5 (cinco) - *Um estudo de caso com a poesia Morte e Vida Severina: possibilidades no ensino de Geografia* é apresentado o estudo de caso sobre como utilizar a poesia em referência, no ensino baseados na obra relatada.

No capítulo 6 (seis) – *O que dizem os professores: um olhar para a poesia*, apresenta-se a pesquisa empírica com a visão dos 28 professores investigados.

2 METODOLOGIA

Por meio da Educação Geográfica o aluno aprende a ler e interpretar o mundo agindo nele de forma reflexiva e atuando de forma ativa na sociedade. As obras literárias possibilitam analisar vários aspectos da sociedade, seus costumes, cultura, além dos aspectos físicos da geografia de um lugar. Através da poesia o estudante não só pode desenvolver hábito da leitura como também identifica na história narrada elementos da sua vivência de mundo e espaço. Ao professor, ela serve de grande auxílio na aplicação de conteúdos pertinentes a Geografia cercado os estudantes de novas experiências e aproximando-os da realidade.

Quanto à trajetória metodológica para construção deste trabalho, esta pesquisa tem como direcionamento, de acordo com o que já foi referenciado, um estudo da poesia regionalista “Morte e Vida Severina”, para perceber a aplicação dessa linguagem em situação de mediação no ensino-aprendizagem de Geografia. Viabiliza o diálogo entre a poesia e as informações geográficas ricamente apresentadas por meio da descrição da paisagem e das relações sociais.

Para a execução técnica desta pesquisa foi crucial a utilização do método Histórico-Dialético que de acordo com Gil (2008, p.14) pode ser subentendido como “Uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas e culturais etc.” Quanto aos objetivos, a pesquisa foi do tipo Exploratória (GIL, 2008) por proporcionar maior familiaridade com o problema para torná-lo mais claro diante das perguntas norteadoras para a investigação.

Quanto ao procedimento técnico é um Estudo de Caso, uma prática cada vez mais frequente entre os pesquisadores sociais pois atende a uma gama de propósitos diversificados. O Estudo de Caso foi do tipo Exploratório, visando alcançar uma compreensão mais refinada sobre o caso. Dentro dessa proposta, como afirma Gil (2008), há a exploração de situações da vida real, cujos limites não são claramente definidos, que descrevem o contexto em que uma determinada

investigação é conduzida e que explicam as variáveis causadoras de um determinado fenômeno em situações complexas muito específicas.

O problema da pesquisa levou a busca de uma Literatura que tratasse do assunto quanto as questões de ordem teórica e metodológica assim como as variáveis que caracterizam o tema abordado.

Esse estudo de caso desenvolveu-se duas vertentes: um referente ao embasamento teórico, com livros, artigos e tese, entre os quais, OLIVEIRA Jr; GIRARDI (2011), MELO; MEDEIROS; SILVA (2013) com informações significativas a respeito de algumas linguagens no ensino. Em relação a poesia e o ensino, recorreu-se a PINHEIRO (2018) que trata sobre a aplicação desse recurso em sala de aula. No que diz respeito a Geografia e a poesia temos AGUIAR, P. R.; FONSECA, G.S (2015), COELHO, M.R. (2014), FLÁVIO, L. C (2020), GOES, V. A. (2015), MORAGAS, R.A.R. (2017), PONTUSHKA; PAGANELLI; CACETE (2009), PINHEIRO NETO et.al. (2020) e VALE, J.M.F do (2007) que são de grande relevância teórica para fundamentar a pesquisa.

Na outra ponta da pesquisa foi realizada a análise da obra. A intenção foi interpreta-lo do ponto de vista da sua narrativa histórica, social e espacial. Além disso, verificar de que forma esse recurso pode ser usado em sala de aula pelos professores e a sua contribuição no processo de ensino-aprendizagem.

Diante dessa realidade, a pesquisa qualitativa tem sido apontada como a mais adequada. Isso se baseia em Mynaio (2007) quando afirma que esse tipo de pesquisa responde a perguntas em um nível de realidade que não pode ser quantificado. A possibilidade desse tipo de pesquisa surgiu também pelo fato de trabalhar com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes que correspondem a um estado mais profundo de relações, processos e fenômenos que não podem ser reduzidos a manipulação de valores. (ib.id.)

Ela propicia a interrogação direta dos sujeitos, por isso a opção de utilizá-la como método prático para obter informações substanciais à construção do raciocínio em torno do fato/fenômeno/problema que foi investigado, aqui, especificando que o instrumento utilizado foi o formulário online, em função da praticidade no que diz respeito a distribuição da pesquisa, organização e análise de

dados. Logo, este trabalho com instrumental metodológico da obra poética “Morte e Vida Severina”, para a realização da pesquisa foram enviados 28 questionários online, por meio do aplicativo *Google Forms*, para contas de e-mails e Whatsapp direcionados aos professores de Geografia. A elaboração e distribuição dos questionários foram feitos no aplicativo e por meio deste recurso as respostas foram contabilizadas automaticamente pelo sistema.

Estes formulários permitiram analisá-lo na perspectiva das respostas dos professores, com o objetivo de traçar um perfil da realidade procurada. Assim, esse tipo de pesquisa possibilitou olhar o participante à distância, construindo e fortalecendo seu conhecimento, levando em consideração a necessidade de seu uso, vivência e educação por meio desta ferramenta do Google. (NUNES, 2001).

3 INTERFACES ENTRE O ENSINO DE GEOGRAFIA E LITERATURA

A poesia não só contribui na formação de leitores bem como desperta uma consciência crítica. Também chama estudantes e professores para a necessidade de conhecimento sobre vários gêneros textuais. A Literatura romântica se mostra mais acessível e bem mais objetiva, facilitando o trabalho e compreensão. Já a poesia se mostra mais que racional, mas também no nível do sensorial e do emocional. A sonoridade da rima faz dela uma leitura leve e chamativa, despertando com mais facilidade o interesse dos educandos.

É uma ferramenta que nas séries iniciais ajuda muito a despertar o interesse dos pequenos pela leitura. Na verdade, as crianças já entram em contato com a linguagem poética muito cedo através de diversas manifestações como as cantigas de roda, parlendas, adivinhas, acalantos, dentre outros. Por isso ela se torna tão familiar e acessível. Muitas vezes a criança chega na escola trazendo consigo essa bagagem resultante das experiências no seio familiar e dependendo de como a escola vai aproveitar isso, determinará o processo de formação do leitor pensante, crítico e consciente.

Conforme relata Lajolo e Zilberman (1985), a Literatura infantil é um dos gêneros literários mais recentes, surgido em meados do século XVIII, de acordo com a concepção de criança que se tinha a época, período em ocorre grandes mudanças na estrutura da sociedade. Como consequência dessa mudança no âmbito artístico entram em decadência os gêneros clássicos que são substituídos pelo drama, melodrama e o romance, esses estavam em conformidade com a vida burguesa e cotidiana. Além disso, a evolução das técnicas de industrialização proporcionou a produção em série, a distribuição e consumo mais tarde denominado de cultura de massa.

Com a vinda da família real, em 1808, surge a Literatura infantil no Brasil por conta da abertura da imprensa que começa a publicar obras infantis. Essas são traduções de produções européias com narrativa de teor moralizante ou textos sobre história e Geografia.

Em decorrência da urbanização e modernização no país pós proclamação da República, uma nova classe, intermediária entre aristocracia e alta burguesia, surge ansiosa pelo consumo de livros e pela instrução escolar como forma de equiparação com o grupo dominante, daí surgem as campanhas de alfabetização e o esforço em criar uma Literatura infanto juvenil realmente brasileira.

Segundo Lojolo e Zilberman (1985), a produção de uma Literatura infantil brasileira tem por objetivo se opor as obras infantis estrangeiras, uma vez que essas apresentavam uma realidade linguística distante do leitor brasileiro. Em contrapartida, ao final do século XIX e início do século XX surgem várias obras de escritores brasileiros como Olavo Bilac, Coelho Neto, dentre outros, voltados para o público infantil.

A Literatura infantil surge comprometida com a função de atender a escola, sendo que ambas compartilham em comum a natureza formativa, ou seja, estão voltadas a formação do indivíduo ao qual se dirigem, sendo tanto de cunho moral como intelectual.

De acordo com Almeida e Espíndola (2011), durante esse período são criadas várias escolas, principalmente na zona urbana, em especial no Rio de Janeiro e São Paulo, que tinha como objetivo instruir os jovens com os novos valores que estavam sendo propagados pela ascensão da República. É no ambiente escolar, sobretudo nas aulas de leitura, que esses valores vão sendo repassados aos jovens. Porém a falta de livros nacionais que refletissem os interesses da reforma a qual o Brasil passava dificultou a transmissão de tais valores gerando assim uma demanda para a escritura desses livros.

Conforme relata Mocchi (2015), as obras publicadas nesse período tinham como objetivo exaltar os heróis brasileiros, aliar lições de Geografia, Agricultura e História. Também serviam como forma de adequar os hábitos linguísticos da época, ressaltando o uso de língua vernácula e a correção gramatical sendo que a Literatura foi muito usada para difusão da linguagem culta.

O tipo de linguagem excessivamente formal utilizado dificultou sobremaneira a identificação da criança com a obra literária causando o

distanciamento dos pequenos leitores por conta disso. Isso foi visível nos diversos textos dessa época, como afirmam Lajolo e Zilberman (1985; p.43)

Nos quais a língua portuguesa, como tema ou pretexto para poemas e histórias, transforma-se em símbolo pátrio [...]Novamente o exemplo procedo de Bilac: o poema “Língua portuguesa”, onde a última flor do Lácio, como ele mesmo proclama, ostenta todas as seduções da figura materna, da tradição cultural do ocidente, do valor ideológico de uma classe que precisa inventar e divulgar uma representação sólida e ufonista do país.

Ainda que os autores dessa época desejassem tornar a linguagem mais acessível, encontrariam dificuldade em fazê-la pois o usual era utilizar a forma acadêmica nas produções não infantis.

A poesia direcionada as crianças surgiu no Brasil no final do século XIX e como características marcantes o uso de temas de cunho moral, aspirando incutir bons modos e sentimentos de amor a Pátria, conforme relata Bordini (1986). Os verbos eram usados no modo imperativo e não abriam espaço para qualquer questionamento pelo leitor. Dos pioneiros que se destacaram em escrever poesia para crianças segundo essas concepções, estão: Zalina Rolim (Livros das crianças, 1897), Olavo Bilac (Poesias infantis,1904) e Francisca Júlia e Júlio Cesar da Silva (Alma infantil,1912), dentre outros.

A Literatura, por relatar a vida do homem e fazer descrição do espaço em que ele vive, é uma forte aliada para o saber geográfico. A maior parte desse conhecimento foi baseado nos textos literários que faziam descrições de paisagens, lugares, regiões e costumes de diferentes povos, resultante de relatos de viagens e expedições. Eles eram retratados em romances, contos, poesias e crônicas. O teor desses textos forneceu informações que contribuíram para organização do modo de pensar e compreender os distintos lugares, a pensar sobre o espaço nacional e de como essas características que unificavam povos levaram à formação do país enquanto Estado-Nação.

Nessa interface, antes de estabelecer seu objetivo de estudo enquanto ciências, a Geografia era uma porção de “saberes geográficos desprovidos de sistematização e organização metodológica produzidos pelos seres humanos desde

a pré-história [...]” (COSTA; ROCHA,2010, P. 26), somente no século XIX, na Alemanha, teve seu conhecimento sistematizado onde foram definidos seus objetos de estudo. No entanto desde o início da colonização do Brasil (séc.XVI) tais conhecimento sobre o território brasileiro eram acumulados em formato de “narrações orais, cartas, croquis, diários, relatórios, desenhos, fotografias, dentre outros” como nos relata Amorim Filho (2008, p108-109).

Estes eram realizados por cronistas, romancistas, viajantes, naturalistas e até retratistas, cujas contribuições mais tarde foram utilizadas como fonte de conhecimento para compor livros e serem ensinados nas escolas. Essas obras foram definidas de duas formas por Amorim Filho (2008): o conjunto maior eram de romances, que utilizavam descrições geográficas nas narrativas dos seus enredos; o outro conjunto de trabalhos tratavam da descrição dos itinerários, regiões, paisagens e lugares, de cunho mais científico e geográfico.

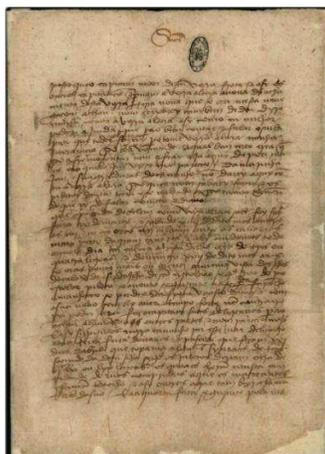
3.1 A Geografia na Literatura

Os textos narrativos como contos, crônicas e romances, caracterizam-se pela marcação do tempo e do espaço no enredo. A descrição espaço-temporal em que as tramas se desenrolam, ainda que não fossem fidedignas, relatam aspectos físicos, sociais e ambientais da época em que se passam. Essa narração realizada pelos autores de Literatura brasileira contribuiu para a construção da identidade histórico-geográfica nacional.

No período de construção da Literatura brasileira, século XVI, conhecido como Quinhentismo, predominava os relatos das expedições realizadas pelos europeus como por exemplo a Carta de Pero Vaz de Caminha (FIGURA 01), que é uma Literatura de viagem.

Ao longo desse período, além dos textos que informavam a corte portuguesa sobre as viagens, havia também a Literatura de catequese cujos principais representantes dessa são os poemas líricos e peças de teatro do padre José de Anchieta.

Figura 01: Carta de Pero Vaz de Caminha



Fonte: <https://www.historia-brasil.com/descobrimto/carta-caminha-imagem.htm>

As produções somente se desenvolviam nos grandes centros urbanos, onde as pessoas tinham acesso aos textos, e não tinham uma continuidade pois não existia uma imprensa desenvolvida além de um número restrito de pessoas que sabiam ler. O próximo a se desenvolver foi o Barroco com Os Sermões de Padre Vieira e a poesia de Gregório de Matos, ambos baianos e período em que a capital do Brasil era Salvador.

Em seguida veio o Arcadismo, febre do ouro em Minas Gerais que deslocou a economia do Nordeste para o Sudeste, no século XVIII. Incentivava a fuga dos centros urbanos para o campo e descrevia as paisagens de forma bucólica. Com os poemas épicos de Basílio da Gama (O Uruguai) e de José de Santa Rita Durão (Caramuru) (FIGURA 02) se observa a construção do pensamento espacial, valorização do índio e da natureza como riquezas do Brasil.

Figura 02- O Caramuru (José de Santa Rita Durão)



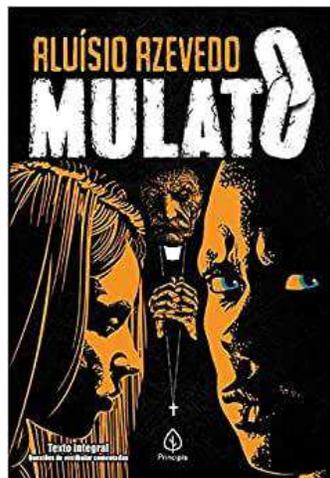
Fonte: <http://www.tribop.pt/TPd/18/2/3/1/06>

Com a fuga da Corte portuguesa para o Brasil, início do século XIX, surge o movimento literário romântico, que incentiva formação da nação brasileira e toma como símbolos nacionais o indígena e natureza do Novo Mundo. Nessa escola destacam-se o poeta Gonçalves Dias e o romancista José de Alencar, ambos indianistas. O Romantismo brasileiro retratou importantes questões sociais ligadas ao índio e ao negro, destacou ainda as paisagens descritas nas narrativas que se ambientavam na capital como também aspectos locais das pessoas e dos costumes do meio rural.

Na segunda metade do século XIX, o Brasil passa por mudanças econômicas e políticas com o fim da escravidão, a decadência da economia açucareira, guerra do Paraguai, dentre outras circunstâncias. Junto a isso somasse a influência das revoluções científica, industrial e conseqüentemente cultural iniciadas na Europa.

Nesse cenário, o Realismo de Machado de Assis faz uma análise da sociedade descrevendo aspectos físicos e psicológicos dos personagens. Em seguida o Naturalismo de Aluísio de Azevedo, o Mulato (1881) (FIGURA 03), explora aspectos da natureza humana comparada a animal. Logo após, o Realismo-Naturalismo reproduz as características sociais e espaciais acompanhando o desenvolvimento histórico-social e geográfico da população brasileira.

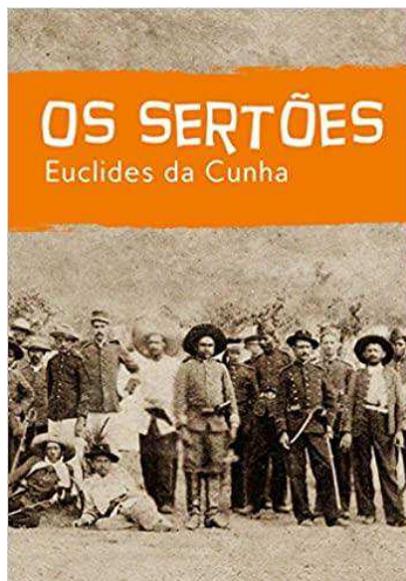
Figura 03 – O Mulato (Aluísio de Azevedo)



Fonte: <https://www.americanas.com.br/produto/1933475921/livro-o-mulato>

Algumas obras literárias de transição do século XIX para século XX, como *Os Sertões* (Euclides da Cunha) (FIGURA 04) e *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil* (Capistrano de Abreu), contribuíram para formação da Geografia sistematizada.

Figura 04 – *Os Sertões* (Euclides da Cunha)



Fonte: <https://www.zoom.com.br/livros/os-sertoos-euclides-da-cunha-9788544001295>

Nesse contexto de avanços científicos, aos textos literários trazem informações valiosas sobre a formação dos territórios nacionais, lugares e circunstâncias do cotidiano dos variados grupos sociais pelo país.

4. GEOGRAFIA E POESIA NA SALA DE AULA

Desde a Grécia Antiga observa-se a interação entre Literatura e Geografia, numa época em que os conhecimentos geográficos eram desprovidos de organização e sistematização. As obras literárias se desenvolviam em cenários baseados nos relatos de viajantes e exploradores que descreviam a sociedade, modo de vida, aspectos, econômicos, históricos e culturais, as paisagens, lugares. Amorim Filho (2008), relata que também retratavam aspectos sobre o clima, topografia, flora, fauna, entre outros que serviam como pano de fundo para o desenrolar dos romances e que muitas vezes disseminavam valores morais e estéticos para a educação dos cidadãos

De acordo com Souza e Pezzato (2009), a Literatura no ensino de Geografia se deu com a vinda dos jesuítas para o Brasil com o intuito de fomentar a educação de colonos e indígenas, porém o material didático de cunho geográfico era de origem francesa e por isso relatavam características daquele lugar. Por muito tempo o conhecimento geográfico ensinado nas escolas não retratava o Brasil.

Somente a partir das grandes navegações e das expedições inter e intracontinentais, sobretudo com o desenvolvimento da cartografia, é que ocorreu o aumento de relatos sobre descrições de lugares explorados. A Literatura desenvolvida com base nessas informações amplia sobremaneira os saberes geográficos.

Entre fins do século XVIII e início do século XIX, na Europa, aparece uma Geografia acadêmica e institucionalizada na Alemanha. Seu uso no ensino básico e na academia serviram como ferramenta estatal para consolidação do Estado alemão, validando as bases ideológicas e na manutenção da ordem política e econômica em ascensão. Por isso Lacoste (1988, p 32) considera que a Geografia escolar “se desdobrou como discurso pedagógico [para] mascarar sua utilidade prática na conduta da guerra ou na organização do Estado”.

No Brasil, a institucionalização da Geografia escolar vai ocorrer em 1837, com um discurso voltado para a “exacerbação do papel da difusão da ideologia do nacionalismo patriótico” Rocha (1998, p 01). Somente a partir da década de 50 do

século XX surgem a *New Geography*, que tecia duras críticas a Geografia Tradicional pela a falta de aplicabilidade prática, cuja proposta era uma interpretação matemático-utilitarista da análise geográfica. Porém para Moraes (1988, p.102) essa fase era uma “renovação conservadora da Geografia”. Somente a partir das críticas de Lacoste (1988) é que vão suscitar transformações teóricas e metodológicas e ressignificação da ciência geográfica, especialmente no Brasil que passava por transformações políticas e econômicas em função da ascensão do regime militar.

Conforme afirma Rocha (2014), na França do início do século XIX, período em que o mundo estava em expansão, a Geografia praticada era histórico-descritiva, com informações genéricas e de caráter enciclopédico. E de acordo com o mesmo autor, a estrutura metodológica, no Brasil, não era diferente pois

Preconizava-se que se deveria começar os estudos a partir do mais distante até atingir o mais próximo (geralmente os conteúdos programáticos desta disciplina, organizados de forma enciclopédica, iam desde a descrição da esfera celeste, passando em seguida pela descrição das características naturais e humanas dos diferentes continentes, para somente no fim alcançar a descrição do Brasil) e não raramente, por conta do volume de informações a serem transmitidas nas poucas horas semanais destinadas a esta disciplina, os programas não conseguiam ser cumpridos integralmente. (ROCHA, 2014, p. 17)

Ao longo do século XIX, conforme relata Araújo (2012), o ensino de Geografia retratava a continuidade do uso do método mnemônico, decorativo e descritivo, distante ou até mesmo avesso a realidade do espaço enquanto produto das relações entre sociedade e natureza, fragmentando os aspectos físicos e humanos em relação ao enfoque no conteúdo. A Geografia ensinada não distinguia o grau de importância dos assuntos no currículo, baseando o aprendizado em nomenclatura e dados.

Dessa forma a Geografia escolar que era praticada no Brasil até as primeiras décadas do século XX tentava se apresentar como moderna, porém como nos relata Rocha (2014), esse ensino deveria seguir o método racional de acordo com o Positivismo onde a realidade seria a fonte exclusiva de toda a cultura geográfica.

Buscando superar o modelo de Geografia que era praticada, Delgado de Carvalho dá início a um movimento que apresentava “a urgência da Geografia em tornar-se ciência, o que somente seria possível em um trabalho de interação entre o ensino e ciência geográfica” (PONTUSCHKA et.al. 2009, p.47).

A Geografia acadêmica foi institucionalizada a partir da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, no ano de 1934 e da criação do Departamento de Geografia em 1946, o que deu um novo rumo para o ensino da disciplina. Segundo Pontuschka et. al (2009) durante as décadas de 1940 e 1950 destacava-se a importância dos estudos regionais que se baseava na descrição da paisagem como tentativa de reorganização da ciência geográfica. Entretanto isso não era conhecimento suficiente para explicar as crises econômicas brasileiras em relação ao contexto mundial.

Procurando superar essas limitações das tendências tradicionais surge a Geografia Teórico-Quantitativa que buscou nos métodos estatísticos e matemáticos de análise do espaço formas de aliar o planejamento econômico e a aplicação de novas tecnologias aos estudos geográficos. Porém como aponta Menezes (2016, p.49), ela se desenvolveu mais expressivamente em ambiente acadêmico, sendo que no ambiente escolar se manifestou apenas por meio de um maior número de tabelas e gráficos no material didático.

Em função do contexto político sob regime militar vivido na década de 70, Pontuschka et. al. (2009) relata que “as políticas educacionais do País levaram para as escolas livros empobrecidos de conteúdos geográficos, desvinculados da realidade brasileira e descaracterizado pelas propostas educacionais dos Estudos Sociais, introduzidos pela lei 5692/71”. As alterações no sistema educacional visavam atender demandas de mercado privilegiando o ensino de caráter técnico e de formação rápida. A abordagem teórico-metodológica do ensino de Geografia amplia suas características tradicionais e as Ciências Humanas são cada vez colocadas a margem dos interesses vigentes.

A Geografia Tradicional vê seu papel fortemente contestado em âmbito mundial após as críticas de Lacoste por meio de *A Geografia serve, antes de mais nada, para fazer guerra* (1976), no qual ele relata que os saberes geográficos

tinham dois planos, a “Geografia dos Estados-Maiores” e a “Geografia dos Professores”. A partir dessa interpretação e sob sua proposta de releitura da Geografia, fica claro qual a finalidade real do discurso geográfico,

a Geografia dos Estados-maiores, é um conjunto de representações cartográficas e de conhecimento variados referentes ao espaço; esse saber sincrético é claramente percebido como eminentemente estratégico pelas minorias dirigentes que o utilizam como instrumento de poder. [...] A Geografia, a dos professores [...] se tornou um discurso ideológico no qual uma das funções inconscientes, é a de mascarar a importância estratégica dos raciocínios centrados no espaço. (LACOSTE, 1988, p.31)

O movimento de renovação da Geografia no Brasil ocorre a partir de 1978, de acordo com Moreira (2000, 2008), usando conceitos e teorias da dialética marxista para análises e estudos geográficos. Essa nova concepção de ciências geográfica proporciona conceitos e conteúdos políticos, ideológicos e análise socioeconômicas expressivas para a compreensão da organização e produção do espaço pelas sociedades.

Buscando compreender os espaços como distintos, diversos e conectados, essa nova organização da ciência geográfica sai da descrição dos aspectos físicos da paisagem para uma análise mais complexa da interação social, humana e ambiental. Sobre essa nova forma de condução da Geografia, Zanatta (2010) salienta que houve mais diversificação.

tornou-se gradativamente expressivo o interesse de um maior número de geógrafos pela Geografia Humanista e Cultural, que propõe, com base na fenomenologia e no existencialismo, interpretar os aspectos especificamente humanos do mundo vivido e enfatizar o lugar concreto das ações humanas, a subjetividade, os valores, os sentimentos, a cultura, a experiência, o simbolismo, a identidade, a intersubjetividade, a comunicação e a intuição. (ZANATTA, 2010, p. 289)

O movimento de renovação das ciências geográficas no Brasil trouxe para o ensino de Geografia uma proposta metodológica diversificada, inserindo na discussão, em ambiente escolar, assuntos como a relação espaço-tempo no contexto de globalização e de produção de novas tecnologias, sobre a produção do espaço urbano, análise das questões ambientais, dentre outros. A partir da década

de 1980 a Geografia Crítica surge como uma proposta de renovação do saber geográfico escolar propondo a formação de cidadão críticos e ativos.

E dentro desse cenário, conforme relata Pontuschka et. al. (2009, p. 68), que se buscou meios para “diminuir a compartimentação dos conteúdos escolares e a distância entre a Geografia ensinada na sala de aula e a realidade social, política e econômica do país, questões que já eram discutidas em âmbito acadêmico”. Esse movimento faz parte de um contexto maior de renovação curricular e metodológica para, segundo Pontuschka et. al. (2009, p. 68), “melhoria do ensino escolar, que passavam por revisão dos conteúdos e das formas de ensinar e aprender as diferentes disciplinas da educação básica.”

Em meados da década de 1990, surgem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que são diretrizes para unificar os currículos escolares a nível nacional. O PCN propunha para o ensino de Geografia uma mudança de perspectiva no ensino, no qual o aluno passa a ser visto como um ser autônomo com capacidade de construir seu próprio conhecimento.

Essa modernização na Geografia foi o reflexo do que também estava acontecendo na Pedagogia. De tal maneira que a pedagogia histórico-crítica nasceu como oposição às pedagogias tradicionais, nova e tecnicista pois elas desconsideravam os requisitos históricos-sociais da educação, conforme relata Kaercher (2007). Segundo Saviani (2011, p.57) “a pedagogia histórico-crítica se diferencia por buscar uma concepção que seja crítica sem ser reprodutiva”. Nessa concepção se destacam Santos (1978), em colocar o espaço como categoria central de análise geográfica bem como forma de compreensão das desigualdades e injustiças, o outro é Freire (1974) com a concepção do caráter dialógico da educação escolar.

Como resultado desse movimento de transformação da Geografia brasileira e das mudanças sociais, políticas e econômicas ocorridas durante esse período tem-se adotado no ensino de Geografia as concepções construtivistas, segundo a qual, conforme Cavalcanti (2005, p.187), “as funções mentais superiores do homem desenvolvem-se na sua relação com o meio sociocultural” e que a

“aprendizagem é o resultado do processo de interação do homem com o meio”, de acordo com Castellar (2005).

De modo que o processo de aprendizagem seria centrado no educando, como explica Cavalcanti (2007, p.67) “o aluno é sujeito ativo de seu processo de formação e desenvolvimento intelectual, afetivo e social; o professor tem o papel mediador do processo de formação do aluno” e que “o conhecimento pressupõe uma produção sociocultural, isto é, implica a conversão dos saberes historicamente produzidos pelos homens em saberes do indivíduo” (CAVALCANTI, 2005, p. 190).

Essa nova perspectiva uniu as categorias clássicas de análise geográfica (natureza, lugar, paisagem, região, território, ambiente) a outras de igual relevância como cidade, espaço, identidade, cultura, degradação ambiental, segregação espacial, dentre outras, como formas de pensar espacial e para analisar espaços específicos, como nos revela Cavalcanti (2006, p.35). Como destaca o mesmo autor, o mais importante quanto a essa nova visão foi a atenção dado aos processos, ao valor das mudanças levando em consideração a realidade como um sistema de relações em detrimento dos objetos.

A sociedade passa por um intenso processo de mudanças e a educação precisa acompanhá-las. Visto que o espaço é fruto das relações sociais, sendo ele também erguido a partir das necessidades da sociedade atual, Santos (2006) diz que, o ensino não pode ser desconexo do mundo em que o aluno vive. Antes, o saber deve alcançar condições que favoreçam ao educando capacidade para compreender e contribuir com mudanças no contexto em que ele está inserido. Daí se entende que a Geografia deve estar mais voltada para a prática da cidadania.

É necessário que ocorra uma mudança de metodologia de ensino que permita maior diálogo e interação entre o professor e seus educandos, entre estes e o conhecimento como nos fala Kaercher (2004). Hoje em dia, os profissionais de educação dispõem de diversos recursos metodológicos que possibilitam aprimorar o processo de ensino-aprendizagem.

Visando fugir dos métodos tradicionais é importante trabalhar uma Geografia voltada ao pensamento crítico, também chamada por Santos (1999) de “Geografia nova”. Para isso é necessário buscar novas fontes com o objetivo de

ampliar e enriquecer as aulas de Geografia, mas também de alcançar o aluno na realidade vivida pelo mesmo. Por isso é preciso que essas aulas sejam dinâmicas, atrativas, interativas e que despertem o interesse causando encantamento no educando, mas também inculcar uma disposição crítico reflexivo nos mesmos.

Também é importante desenvolver trabalhos para explorar o meio em que o discente está inserido, conforme afirma Pontuschka (2009). Avaliando essa perspectiva, sabe-se que cada população possui sua própria identidade, cultura, realidade econômica e social. Desse modo, é indispensável que o ensino da Geografia aborde estes elementos, fazendo com que os alunos possam distinguir as peculiaridades da sua comunidade e da sua cultura.

Para tanto, a instrução por meio de ferramentas didáticas criativas permite o uso de recursos variados com o objetivo de desenvolver um conhecimento integrado, coeso e original. A sensação de vínculo com o lugar é fator determinante para esse processo, pois permite ao ouvinte o conhecimento de si mesmo, da diversidade de informações e, acima de tudo, da união de saberes.

O interesse em inovar as atitudes pedagógicas no ensino de Geografia precisa centrar-se em todo processo que envolve o ensino-aprendizagem e, para que haja mudanças qualitativas, deve-se permitir que a reflexão sobre a prática de ensino, assim como novas atitudes, ocupem o lugar central nesse decurso. Observamos que a Literatura regional proporciona elementos que podem ser explorados de forma significativa em sala de aula, visto que a Geografia não deve ser apenas conteudista, mas também encarada a partir de uma visão crítica e reflexiva.

Com base nessa observação, Kaercher (2007) afirma que se deve tomar cuidado para que a Geografia crítica não seja uma mera aparência sem um conteúdo e que de fato leve a reflexão. O mesmo também afirma que, em muitos casos, as práticas utilizadas no ensino de Geografia não atendem as especificidades e necessidades dos segmentos escolares. Ele critica ainda a forma como têm sido encarado o ensino de Geografia e de como os professores vem sendo formados para atuarem na docência desta disciplina. Ele também denomina

de não racionais os elementos inclusos na práxis docente, que não podem ser ensinados de forma mecânica.

Como educador-geógrafo partimos de dois *a priori*. Primeiro: que os alunos são capazes de melhoria, capazes de superarem o estado atual em que estão na direção de outro estado que nós reputamos – e eles aceitam, não sem conflitos e impasses – preferível ao anterior. [...] E, segundo: nossa atuação pode fazer diferença. Ou seja, ao mesmo tempo que a razão é limitada em seu poder de educar e de seduzir, ela pode melhorar minha capacidade de educar e de seduzir (KAERCHER, 2007 p. 5).

Com base nessas ideias, o autor acima citado acredita que para o professor fazer a diferença no seu trabalho é necessário que o mesmo transponha as suas práticas de ensino de Geografia e desenvolva nos educandos o desejo de aprender, argumentar, expor suas ideias, conhecer as diferenças regionais e culturais, partindo de um princípio filosófico, para que a partir da Geografia possa pensar na complexidade da existência humana. E que o conhecimento buscado em sala de aula não sirva apenas para cumprir uma ordem escolar, mas que também seja desejável como algo de suma importância para vida em todos os sentidos, tanto para educador como para o educando, Kaercher (2007).

Todo educador deve extrapolar as formalidades do conteúdo, da disciplina e do currículo, adentrando também as questões subjetivas que compõem a vida dos indivíduos. Essas questões deixam de ser consideradas pois as práticas tradicionais de ensino já estão comprometidas com a decodificação e não com a interpretação crítica dos assuntos resumindo assim a disciplina ao uso de livros didáticos e mapas. Para Kaercher (2007), uma aula nesses moldes se torna cansativa, pobre e desmotivadora e ainda que se use esses recursos deve-se procurar outras fontes e materiais de cunho pedagógico.

Nos PCNs, para o segundo ciclo de Geografia, frisa que deve abordar em aula as relações cidade e campo, bem como suas dimensões sociais, culturais e ambientais. Considera-se que as dimensões culturais podem ser trabalhadas por meio de obras e documentos relativos a cada região. Mediante isso se constata que o professor de Geografia pode atualizar suas aulas a partir de intermédios

pedagógicos que permitam flexibilidade e criatividade, usando a Literatura como possibilidade de enriquecimento das aulas de Geografia.

Uma prática de ensino renovada deve alcançar o aluno e a realidade vivida pelo mesmo, unindo elementos de ensino-aprendizagem como interdisciplinaridade, multiculturalismo, diversidade, metodologia e didática para enriquecer as aulas de Geografia. As obras literárias se mostram como uma excelente proposta. Como salienta Pontuschka (2009) “A interdisciplinaridade, tendo muitas vezes a Literatura como foco, cria oportunidades objetivas de trabalho que merecem ser bem exploradas na educação...”.

Por meio da Literatura o aluno também pode comparar as informações do texto com o mundo real. Desta forma Zilberman (1994, p.24) afirma que “através de contos de fadas, da reapropriação dos mitos, fábulas e lendas folclóricas ou do relatório de aventuras, o leitor reconhece o contorno dentro do qual está inserido e com o qual compartilha sucessos e dificuldades.

Sendo assim, as obras literárias, além da ficção, trazem grande carga de informações que podem ser exploradas nas aulas de Geografia, visto que o pano de fundo de muitos romances é a época vivida pela sociedade que foi retratada pelo autor, onde apresentam um contexto espaço temporal pertinente aquele cenário.

A compreensão do texto literário torna-se possível não só pelo auxílio da teoria literária, a ser trabalhada com os alunos a fim de fornecer-lhes um instrumento, como também pela quantidade e pelo aprofundamento de informações sobre o contexto em que se dá a trama vivida pelas personagens (PONTUSCHKA, 2009, p. 237).

Na Literatura o escritor busca fazer com que a história se pareça o mais possível com a realidade. Apresenta descrições de paisagens, lugares e espaços de tal forma que permita uma leitura geográfica da obra, contribuindo assim para aprendizagem analítica e crítica da Geografia.

O prazer na leitura alcança significado quando atende aos interesses do leitor, como explica Antunes (2005, p.17), ou seja, de alguma forma a Literatura retrata a realidade e faz sentido para ele. Para despertar desejo pela leitura é preciso trabalhar assuntos que tenha significado na vida do aluno. Por isso Antunes (2005, p.31) vai dizer que, “[...] a Literatura é um dos recursos capazes de levar os

indivíduos à reflexão sobre os conflitos sociais e psicológicos dos homens, e nada melhor para isso do que introduzir essa Literatura já na infância, levando-a para sala de aula [...]”.

A Literatura informa, educa, forma o imaginário e também serve como arma para críticas a sociedade nos aspectos econômicos, sociais e antropológicos. Diante disso o uso de obras literárias regionais mostra-se como um ótimo recurso didático no ensino de Geografia, uma vez que proporciona aos alunos enxergar aspectos geográficos a partir de um contexto literário. Os detalhes e questões pertinentes a região proporcionam uma riqueza literária propícia para explorar as particularidades regionais sob a perspectiva geográfica.

A integração entre Geografia, Literatura e as artes estão contempladas dentro dos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), como alguns dos recursos abordados na atualidade visando promover uma conduta didática que desperte interesse e curiosidade sobre a compreensão do espaço e da paisagem. Confirmando essa conduta, Marandola Jr (2008) diz que:

A capacidade de produzir arte faz parte daquilo que torna o homem único. A ciência moderna, no entanto, tratou de dissociar arte de pensamento e, com isso, ciência de arte. A Geografia, enquanto ciência moderna respeitou essa separação, embora em certos momentos tenha se utilizado de descrições artísticas como ilustração para seus trabalhos, em especial as literárias. Nas reestruturações epistemológicas contemporâneas, no entanto, reconduzir a Geografia para seu encontro com a Arte é tanto necessário quanto imprescindível para seu desenvolvimento. Isso não ocorre apenas pela incorporação da arte como documento, mas sobretudo como símbolo e marca de um espaço-tempo cultural (MARANDOLA JR, 2008, p. 01).

Também com base no que diz os PCNs, Teixeira (2009, p. 2) afirma que é possível “aprender Geografia pela leitura de autores brasileiros consagrados como Machado de Assis, Jorge Amado, Erico Verissimo, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, entre outros”. Visto que a obra desses autores expõe distintas paisagens do país, bem como os aspectos sociais, culturais e naturais, a Literatura se apresenta como meio para compreensão do espaço geográfico e sua construção histórica.

Para desenvolver esse trabalho em sala de aula, os professores de Geografia precisarão de um conhecimento prévio das particularidades de cada

obra, um reconhecimento sobre os processos sócio-históricos e culturais regionais que se destacam para que possam atender a demanda dos alunos.

Diante disso, Teixeira (2009, p. 5) diz que embora a Literatura seja pouco utilizada como recurso em sala de aula, os Parâmetros Curriculares Nacionais apontam para esse recuso como forma interdisciplinar de trabalhar as obras regionalistas, mas que é necessário adaptar técnicas as peculiaridades da região de forma que seja apresentado ao aluno o local onde ele está inserido de um jeito entusiasmante.

5. UM ESTUDO DE CASO COM A POESIA MORTE E VIDA SEVERINA: possibilidades no ensino de Geografia

A Geografia é muito importante na formação da cidadania, uma vez que por meio desta se verifica as relações de produção e consumo das atividades desenvolvidas pelas ações humanas em um determinado espaço geográfico. Nesse sentido, os conteúdos disseminados pela Geografia escolar possibilitam formar cidadãos com capacidade para refletir sobre os problemas sociais e as atitudes humanas, bem como, interferir para que seu local de vivência seja socialmente mais justo.

Por outro lado, Martins (2011) enfatiza que a Geografia na Educação Básica está sendo ministrada de forma descritiva e fragmentada, perpetuando um ensino tradicional sem acompanhar a evolução dos acontecimentos, para auxílio na resolução de problemas. Partindo do reconhecimento da formação de um sujeito crítico e reflexivo, a utilização de metodologias e recursos inovadores que proporcionem a reflexão sobre os conteúdos geográficos pode facilitar na aprendizagem, no intuito de despertar o interesse dos alunos.

Conforme Alencar e Silva (2018), mediante essa proposta, os produtos culturais, tais como: charges; quadrinhos; música; poesia; Literatura; textos jornalísticos, servem como instrumentos de fácil acesso a serem utilizados pelos professores para incrementar as aulas de Geografia, como também para melhorar a aprendizagem do conteúdo. O emprego dessas ferramentas durante as aulas amplia as perspectivas de novas experiências por parte do docente, ao mesmo tempo em que desperta o interesse dos discentes.

Dentre esses produtos culturais, Pinheiro (2018) ressalta que a poesia é gênero literário menos explorado em sala de aula: “De todos os gêneros literários, provavelmente é a poesia o menos prestigiado no fazer pedagógico em sala de aula.” São variadas as causas do desinteresse dos discentes pela poesia, provocando o afastamento dos mesmos.

Dentre elas destacamos: “Como interpretá-la, “como entendê-la”, “como compreender algumas passagens”, “dificuldade de analisá-la”, “de captar a mensagem”, “a falta de intimidade”, “como interpretar algumas frases em sentido figurado”, “não saber ler em voz alta”. Por certo, essas dificuldades podem ser superadas, sobretudo se o profissional se dispuser a ler um pouco mais de poesia. (PINHEIRO, 2018, p. 12).

Convém salientar que a poesia pode ser inserida na sala de aula pelo professor, podendo despertar o interesse dos alunos pela leitura, uma vez que os conteúdos geográficos, além de serem muito aparentes na mídia também estão presentes em textos poéticos. Desse modo, quando o professor explora bem a leitura em sala de aula pode influenciar sobremaneira os seus alunos. “Está claro que a personalidade do professor, particularmente, seus hábitos de leitura são importantíssimos para desenvolver os interesses e hábitos de leitura nas crianças, sua própria educação também contribui de forma essencial para a influência que ele exerce”. BAMBERGER (1986, p.74-75).

Nesse contexto, para que os alunos se interessem pela leitura de poesia precisam ser estimulados, para que isso se torne um hábito. Caso contrário, o desinteresse por parte dos educandos fará com que o professor rejeite esse tipo de leitura. Porém, o estímulo a leitura não se reduz apenas a fazer com que os alunos leiam, mas também fazer desse ato um exercício crítico e reflexivo, explorando o papel social da poesia.

Considerando aspectos sobre como e por que trabalhar com poesia na sala de aula, Silva e Jesus (2011), propõem o desenvolvimento de oficinas gratuitas que possibilitem aos alunos o contato com a Literatura, de forma que elas orientem os mesmos sobre o que ler e façam com que eles descubram a leitura. Esse primeiro movimento busca introduzir e despertar o interesse dos alunos pela Literatura. Posteriormente eles deverão avançar por caminhos mais complexos como a decodificação e interpretação das informações contidas no texto.

A complexidade de interpretação da poesia ocorre pela variedade de conhecimentos que precisam ser coordenados para tal feito, conforme relatam Silva e Jesus (2011). Como forma de melhorar a aprendizagem eles sugerem a aproximação constante com a poesia e a utilização de conhecimento prévio, que é composto pelo conhecimento linguístico, o conhecimento do texto e o conhecimento de mundo.

Tendo como cenário a paisagem austera, a história enfatiza a morte, aborda a temática das desigualdades sociais e a violência que ocorre no sertão. A situação de pobreza está associada às condições físicas, mas também a questões políticas.

Outro ponto que se destaca na narrativa são as formas de trabalho, a falta de oportunidades e a migração. Severino sai da sua terra natal em busca de sobrevivência. Tenta encontrar um emprego nas cidades por onde passa, o que destaca também os tipos de atividades econômicas de acordo com a paisagem rural ou urbana. Milton Santos (2001, p.), explica que: “Cada lugar, cada subespaço, assiste, como testemunha e como ator, ao desenrolar simultâneo de várias divisões do trabalho”.

Essas são algumas das situações abordadas na obra, cuja análise abre espaço para interagir com outras informações que estão associadas com elementos identificados na paisagem e nas relações dos personagens com o lugar.

Sendo assim, “Morte e Vida Severina” é uma poesia que o professor pode empregar em suas aulas para interpretar sobre questões que atravessam o contexto social, hidrográfico e socioeconômico que fazem parte do lugar retratado, podendo resultar em ricas interpretações e debates na sala de aula.

A obra *Morte e Vida Severina*, conforme já referenciado é de autoria do escritor pernambucano João Cabral de Melo Neto. Escrita entre 1954-1955, se caracteriza no período literário da terceira fase do Modernismo. Pertence ao cenário da Literatura Sertaneja brasileira, classificada como um desdobramento da Literatura Regionalista (surgiu no Romantismo do século XIX). A Literatura Sertaneja busca fomentar a caracterização e identidade do homem sertanejo, explicitando seus costumes, crenças, religiosidade, conflitos sociais e o cenário presente no espaço do sertão brasileiro

Em “Morte e Vida Severina” é retratada a trajetória de um retirante do agreste, o “Severino”, que deixa o sertão nordestino em direção ao litoral. Guiado pelo rio Capibaribe, ele busca chegar à capital, almejando uma vida digna. No caminho, o personagem encontra outros nordestinos que, como ele, passam pelas privações impostas pelo sertão. Durante a trajetória, depara-se com as diversas

facetas da morte – causada pela seca, pela fome e pela disputa por terras áridas. Assim, ele retrata o enterro de um homem assassinado a mando de latifundiários.

Assiste a muitas mortes e, de tanto andar, termina por descobrir que é justamente ela, a morte, a maior empregadora do sertão. Devem os empregos a ela, do médico ao cozeiro, da rezadeira ao farmacêutico. Ao chegar na cidade, essa se revela tão dura quanto o sertão. Severino pensa em suicídio jogando-se do Rio Capibaribe, mas é contido pelo carpinteiro José, que fala do nascimento do filho. A renovação da vida é uma indicação ao nascimento de Jesus, também filho de um carpinteiro e esperança para remissão dos pecados.

A obra é dividida em 18 trechos sendo que os títulos representam uma pequena síntese do que tratado em cada parte desses. Os nove primeiros trechos mostram o decorrer da viagem de Severino a Recife; os outros, suas experiências na cidade que tanto esperava encontrar. Os conteúdos que podem ser explorados em aula, contidos na obra, foram descritos por Aguiar e Fonseca (2015).

No 1º trecho o professor pode abordar algumas palavras usadas pelo retirante como: pia, romaria, finado, freguesia, sesmaria, dentre outras que forem desconhecidas dos alunos. Além disso o personagem só consegue se diferenciar dos outros “Severinos” usando a lugar de onde vem, Serra da Costela, que fica nas imediações do sertão da Paraíba.

O meu nome é Severino, | como não tenho outro de pia. | Como há muitos Severinos, | que é santo de romaria| deram então de me chamar| Severino de Maria;| como há muitos Severinos| com mães chamadas Maria, | fiquei sendo o da Maria| do finado Zacarias. | Mais isso ainda diz pouco:| há muitos na freguesia, | por causa de um coronel| que se chamou Zacarias |e que foi o mais antigo| senhor desta sesmaria. |[...] | Vejamos: é o Severino| da Maria do Zacarias,| lá da serra da Costela,| limites da Paraíba.[...].| Somos muitos Severinos| iguais em tudo na vida:| na mesma cabeça grande| que a custo é que se equilibra,| no mesmo ventre crescido| sobre as mesmas pernas finas| e iguais também porque o sangue,| que usamos tem pouca tinta.| E se somos Severinos| iguais em tudo na vida,| morremos de morte igual,| mesma morte Severina:|que é a morte de que se morre|de velhice antes dos trinta,|de emboscada antes dos vinte|de fome um pouco por dia|(de fraqueza e de doença| é que a morte Severina|ataca em qualquer idade,|e até gente não nascida). (MELO NETO, 2016, p. x)

Sobre essa informação o professor pode trabalhar as categorias geográficas Lugar, Região, Paisagem; Território; características físicas; formas de relevo; vegetação; hidrografia; clima e ainda fazer comparações com lugar onde o estudante vive. Sobre a morte destacada por Severino, pode-se desenvolver os temas da desigualdade social, da violência que ocorre no Sertão bem como associar a pobreza as questões físicas como também as políticas.

No 2º trecho é possível trabalhar discussões sobre a questão agrária no Brasil e a violência gerada pelas disputas de terras.

E o que guardava a emboscada, |irmão das almas| e com que foi que o mataram, |com faca ou bala? |— Este foi morto de bala, |irmão das almas, |mas garantido é de bala, |mais longe vara. |— E quem foi que o emboscou, |irmãos das almas, |quem contra ele soltou| essa ave-bala? | — Ali é difícil dizer, |irmão das almas, |sempre há uma bala voando| desocupada. | — E o que havia ele feito| irmãos das almas, | e o que havia ele feito| contra a tal pássara? | — Ter um hectare de terra, |irmão das almas, | de pedra e areia lavada| que cultivava. (MELO NETO, 2016, p. x)

No 3º trecho, onde se relata sobre a seca em trechos do rio, é possível abordar a hidrografia do Nordeste, a relação com o clima, solo, relevo, vegetação. Também seria interessante delimitar o Sertão e suas demais sub-áreas (Zona da Mata, Agreste e Meio Norte), assim o estudante poderia diferenciar cada uma delas. Para isso poderia ser feito um trabalho cartográfico, explorando o uso de maquetes ou mapas.

Pensei que seguindo o rio| eu jamais me perderia:|ele é o caminho mais certo, | de todos o melhor guia. | Mas como segui-lo agora| que interrompeu a descida? | Veja que o Capibaribe, | como os rios lá de cima, | é tão pobre que nem sempre| pode cumprir sua sina| e no verão também corta, | com pernas que não caminham. (MELO NETO, 2016, p. x)

Do 4º ao 6º trecho, há passagens que permitem discutir sobre as diferentes formas de trabalho/profissão; a função social; identificar atividades econômicas e as consequências na construção do espaço geográfico; interpretar paisagens urbanas e rurais bem como as suas oportunidades de trabalho; analisar

a importância do trabalho na formação da sociedade e também sobre os processos de migração.

E se pela última vez/ me permite perguntar:/ não existe outro trabalho/ para mim nesse lugar? / — Como aqui a morte é tanta,/ só é possível trabalhar/ nessas profissões que fazem/ da morte ofício ou bazar./ Imagine que outra gente/ de profissão similar,/ farmacêuticos, cozeiros,/ doutor de anel no anular,/ remando contra a corrente/ da gente que baixa ao mar,/ retirantes às avessas,/ sobem do mar para cá./ Só os roçados da morte/ compensam aqui cultivar,/ e cultivá-los é fácil:/ simples questão de plantar;/ não se precisa de limpa,/ de adubar nem de regar;/ as estiagens e as pragas/ fazemos mais prosperar;/ e dão lucro imediato;/ nem é preciso esperar/ pela colheita: recebe-se/ na hora mesma de semear. (MELO NETO,2016, p. x)

No trecho 9º Severino não faz distinção entre Agreste e caatinga; ou entre esta última e a Mata Atlântica, o que se torna uma oportunidade para caracterizar cada bioma do Brasil uma vez que eles possuem particularidades bem distintas. Outros assuntos que podem ser abordados são as dinâmicas da população, pirâmide etária, além dos fatores responsáveis pela elevada ou baixa expectativa de vida, incluindo também os indicadores socioeconômicos.

Nunca esperei muita coisa,/ digo a Vossas Senhorias./O que me fez retirar/ não foi a grande cobiça;/ o que apenas busquei/ foi defender minha vida/ de tal velhice que chega/ antes de se inteirar trinta;/ se na serra vivi vinte,/se alcancei lá tal medida,/ o que pensei, retirando,/ foi estendê-la um pouco ainda./ Mas não senti diferença/ entre o Agreste e a Caatinga,/ e entre a Caatinga e aqui a Mata/ a diferença é a mais mínima. (MELO NETO, 2016, p. x)

Saltando para o 16º trecho, professor poderá abordar o trabalho na indústria, como é a vida de um operário e em que condições vivem.

Enxergo daqui a planura/ que é a vida do homem de ofício, / bem mais sadia que os mangues, / tenha embora precipícios. / Não o vejo dentro dos mangues, / vejo-o dentro de uma fábrica:/ se está negro não é lama, / é graxa de sua máquina, / coisa mais limpa que a lama/ do pescador de maré/ que vemos aqui vestido/ de lama da cara ao pé. (MELO NETO,2016, p. x)

A leitura dessa obra proporciona ao aluno conhecer o Nordeste brasileiro e sua amplitude geográfica. O professor pode explorar ainda a paisagem natural, os

aspectos socio ambientais, mas também pode explorar a denúncia das desigualdades sociais; da miséria, fome, seca, violência. Mas, apesar de tudo isso Severino encontra razões para viver de forma digna.

Por meio desta obra, o professor poderá interpretar essa história através da leitura em forma textual. Os alunos poderão observar, pelos “substantivos encontrados no texto, como nuvem, seca e pedra as características da paisagem do sertão nordestino e transição destas ao longo da caminhada que o protagonista faz no Sertão, passando pelo Agreste até a Zona da Mata”. (PINHEIRO NETO *et al*, 2020, p.52).

Outras sugestões de como trabalhar a poesia são exemplificadas por Helder Pinheiro em seu livro “*Poesia na sala de aula*”. As propostas apontadas passam pela leitura em voz alta para ajudar na familiarização com o texto, vocabulário e sonoridade.

Uma das sugestões é a seleção de poemas e a organização de antologias poéticas no intuito de suprir a carência de livros de poesia adequados para trabalhar com jovens leitores. Ele relata ainda a reação dos alunos de forma muito positiva pois esse fato causou “um sentimento de pertença, de participação que se refletiu posteriormente na apreciação dos poemas”. (PINHEIRO, 2018. p.35).

Outra recomendação do autor é o desenvolvimento de núcleos temáticos, no qual são reunidas poesias e prosas com o mesmo tema, porém abordando sentidos diferentes. Os módulos têm um formato que se parece com pequenas antologias. Essa forma visa sensibilizar os alunos para questões de interpretação e vocabulário bem como estimular o desenvolvimento de outras produções como textos, poesias, desenhos, baseados nas interpretações absorvidas desses núcleos de trabalho. “No decorrer de uma aula como esta, que visa à sensibilização, muitos alunos produzem textos inspirados no que leram e ouviram ou sobre outro assunto, alguns fazem ilustrações, outros copiam determinados versos na agenda.” (PINHEIRO, 2018, p.38).

Pinheiro propõe também a montagem de painéis com poemas, informações biográficas, ilustrações e análises sobre determinadas poesias e seus respectivos autores. Da mesma forma podem ser montados varais em sala de aula

para expor poemas, opiniões e produções dos alunos bem como fotos e desenhos dos autores. Ele ressalta a importância desse trabalho dizendo que “São procedimentos que visam expor o que foi estudado ou criado. [...]. Qualquer instrumento que colabore com a divulgação da poesia deve ser incentivado.” (PINHEIRO, 2018, p.57).

A exposição dos trabalhos produzidos serve também de incentivo para toda a comunidade escolar. Não somente para aqueles que produziram, mas também para os que partilham do mesmo espaço.

5.1 Outras possibilidades com a poesia no estudo de caso.

No caso específico de *Morte e Vida Severina* alguns recursos didáticos não-convencionais podem ser aplicados para melhor explorar os conteúdos contidos nessa obra. “A interdisciplinaridade, tendo muitas vezes a Literatura como foco, cria oportunidades objetivas de trabalho que merecem ser bem mais explorada na educação do ensino básico”, como afirma Pontuschka et al. (2009).

Um recurso que pode ser adaptado para uso em sala de aula é a Literatura de cordel visto que a obra trabalhada possui influência desse estilo. Para Weitzel (1995), a Literatura de Cordel é composta de versos escritos em folhetos, os quais expressam a cultura popular nordestina registrando o pensamento e realidade do povo sertanejo. Recebe esse nome pois são pendurados em cordões e vendidos em praças, mercados e feiras.

Sousa e Portela, no artigo intitulado “A Literatura de cordel como recurso didático não convencional para o ensino de Geografia”, trata sobre de que forma o esse poderá ser utilizado para explorar sobre as migrações. Conforme as autoras, “[...]podemos inserir a Literatura de cordel como um recurso didático que pode ser utilizado pelos professores de Geografia, já que sua leitura traz elementos da realidade, mostrando diferentes paisagens, além de elementos da ficção de forma simples e crítica.” (SOUSA E PORTELA, 2019).

Como forma de comparar o conhecimento construídos pelos alunos e o aporte teórico recebido com base nos temas abordados na obra *Morte e Vida*

Severina, poderiam ser produzidas poesias em cordel. Dessa maneira o professor trabalharia de forma interdisciplinar conceitos de Literatura e Geografia.

Conforme Castellar (2011, p.122), "[...] a linguagem cartográfica torna-se um meio à medida em que permite relacionar conteúdos e fatos; permite a compreensão, pelos alunos, de parte e da totalidade do território". Por meio do uso de maquete o professor poderá trabalhar os conteúdos de Geografia e relaciona-los aos de outras disciplinas. De forma lúdica, esse recurso aproxima o educando da realidade ao mesmo tempo que possibilita analisar a paisagem geográfica e as transformações decorrentes dos fenômenos naturais e antrópicos.

No artigo intitulado "Geografia na Literatura Sertaneja de Morte e Vida Severina", Aguiar e Fonseca (2015) destacam a importância da representatividade do relevo e da hidrografia da região retratada no livro por meio do uso de maquete. Para isso deve ser feito um trabalho cartográfico delimitando o Sertão, bem como suas sub-regiões (Zona da Mata, Agreste e Meio Norte) proporcionando ao estudante diferenciar cada uma delas. O estudo da hidrografia do Rio Capiberibe por meio desse recurso também propicia a abordagem de fatores como clima, solo, relevo e vegetação.

Uma outra forma de aliar a imagem a escrita da poesia, e seus conteúdos na Geografia, é por meio das Histórias em Quadrinhos. Deffune (2010) afirma que elas "são manifestações típicas da evolução da linguagem". A mesma autora diz ainda que "Na Geografia a imagem é um importante aliado na representação e comunicação".

A dinâmica dos desenhos representa o movimento temporal retratado na história em quadrinhos. E para que esse enredo se desenvolva é necessário um cenário que vai proporcionar uma experiência real do espaço vivido. Diante disso, é possível explorar por meio desse recurso as questões relacionadas a imigração bem como os aspectos geográficos físicos do trajeto percorrido pelo personagem Severino. Os estudantes poderão ainda produzir seus quadrinhos e/ou utilizar os HQ já existente para visualizar.

Um exemplo é o trabalho do cartunista pernambucano Miguel Falcão, que em 2005 transformou a obra Morte e Vida Severina em texto, no estilo *graphic*

nove¹. Produzida em preto e branco, marcando o estilo barroco, suas linhas possuem características da xilogravura, lembrando os folhetos da Literatura popular. A versão em HQ para a Editora Massangana, da Fundação Joaquim Nabuco, foi idealizada em comemoração ao encerramento das Ligas Camponesas em Pernambuco. (FIGURA 05).

Figura 05 – HQ Morte e Vida Severina (João Cabral de M.Netto/ Miguel Falcão)



Fonte: FALCÃO, 2010, p. 9 - 10

“Na pintura, a imagem é captada pelos sentidos; no poema, ela é imaginada; na primeira, o objeto é representado visualmente [...] dá a conhecer como presença; no segundo, o objeto da enunciação [...] é uma ausência [...]”. (ALVAREZ, 2011, p. 415). Por meio de uma linguagem crítica, satírica, cômica e até

¹ Graphic novel: Na tradução para o português seria romance gráfico. Apesar de também fazer uso da interação entre narrativa e imagens, as graphic novel possuem algumas características que as diferenciam das HQ's como escrita em volume único, qualidade do papel e das imagens são de maior qualidade e confecção em capa dura.

caricatural, os HQs apresentam idéias, fatos ou acontecimentos que podem se desenvolver em espaços reais ou fictícios.

Ao se envolver no processo de elaboração da linguagem em quadrinhos, o educando se depara com uma dinâmica que ele próprio deverá construir, ou seja, ele será responsável por idealizar a problematização e de como resolvê-la. Dessa forma, se torna agente ativo em todas as etapas, desde o processo de comunicação visual até a elaboração da escrita.

Um outro recurso didático que pode ser usado como poesia em tela para aplicar os conteúdos de Geografia é o livro paradidático. O mesmo poderá ser atrelado ao trabalho com livro didático para aproximar os conteúdos ministrados a realidade do aluno. Quem explica sobre isso é Munakata (1997, p.103):

Livros paradidáticos talvez sejam isso: livros que, sem apresentar características próprias dos didáticos (seriação, conteúdo segundo um currículo oficial ou não etc.), são adotados no processo de ensino e aprendizagem nas escolas, seja como material de consulta do professor, seja como material de pesquisa e de apoio as atividades do educando.

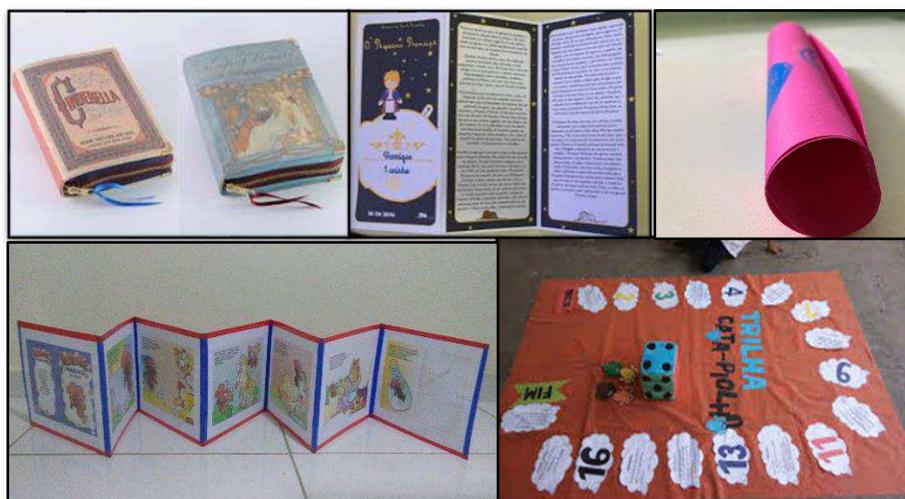
Além disso, a utilização de linguagem mais simples, comum a realidade dos educandos, também pode incentiva-los ao interesse pela leitura. Esse tipo de livro possui um caráter interdisciplinar uma vez que poderá ser explorado de forma complementar por outras disciplinas além da Geografia. Mas para que seu conteúdo seja bem aproveitado, o educador deverá inserir esse material nas aulas ao mesmo tempo em que o relaciona as experiências dos alunos.

Faria (2018), em sua tese de mestrado intitulada “*A elaboração de um livro paradidático para o ensino de Geografia*” relata como, por meio da produção de um livro paradidático, foram trabalhados os conceitos de cidade, urbano, paisagem e lugar. Essa proposta busca desenvolver os temas transversais recomendados pelo Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) no que se refere aos Temas Locais. Este último trata de temas específicos de uma determinada realidade, dentro do contexto do Estado, da cidade e/ou da escola. A autora ainda afirma que [...]conhecer mais sobre o lugar de origem poderá incentivar os alunos a buscar novos conhecimentos e estabelecer as comparações necessárias em diferentes escalas, como prega a Geografia Escolar. (FARIA, 2018, P.31)

A produção de livros paradidáticos artesanais pelos alunos é uma forma bastante dinâmica e efetiva para trabalhar questões geográficas e de forma interdisciplinar. Dentre os formatos de paradidáticos ensinados por Paiva (2015), estão: O Livro Rolo, O Livro Sanfonado, o Livro Trilha, o Livro Folder e o Livro Bolsa. (FIGURA 06). Eles são auxílio para leitura e diante destes “há sentido nas formas e nos formatos dos livros, assim como na estética das suas páginas, na seleção dos elementos gráficos” (PAIVA, 2015, p. 9).

Envolver o educando na produção do material, possibilita trabalhar conceitos que podem ser provenientes do livro didático, ou de um outro recurso, como é o caso da obra descrita nesse trabalho, para aprofundar conteúdos/conceitos ou mesmo para conduzir avaliação.

Figura 06 – Tipos livros de paradidáticos artesanais: Bolsa, Folder, Rolo, Sanfonado e Trilha



.Fonte: www.google.com

Todos os recursos apresentados até aqui poderão ser desenvolvidos em sala de aula, a partir a obra poética “Morte e Vida Severina”, para explorar os diversos conteúdos geográficos que são abordados na mesma, proporcionando o aprofundamento no assunto de forma lúdica

6 O QUE DIZEM OS PROFESSORES: um olhar para a poesia

Uma pesquisa surge da necessidade de se buscar respostas a cerca de determinadas indagações, conforme afirma Gil (2002, p. 17): “a pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal desordem que não possa ser adequadamente relacionada ao problema”. Desse processo sucede a construção de conhecimento por meio da verificação de dados, informações coletadas e conhecimentos acumulados sobre o que é estudado.

No entanto, produzir conhecimento não é uma atividade desordenada. São necessários planejamento e organização das etapas que conduzem a validação desse conhecimento.

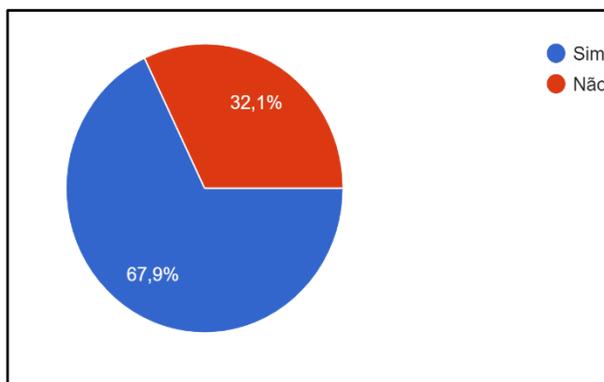
Para obter algumas informações necessárias a este trabalho foi utilizado o formulário eletrônico, uma alternativa acessível e amplamente difundida durante a pandemia de Covid-19 e no pós-período pandêmico. Essa ferramenta é um facilitador no que diz respeito à distribuição da pesquisa aos entrevistados e, posteriormente, à organização e análise dos dados coletados. Segundo Zanini (2007), se comparada ao formulário convencional, ele evita o consumo de papel, facilita na busca de dados, seu armazeno físico é diminuto além de distribuição rápida e fácil.

Optou-se por utilizar a ferramenta *Google Forms* para elaboração e envio de questionários *online* direcionados para professores de Geografia. Além de auxiliar no desenvolvimento do formulário, a ferramenta do Google disponibiliza a apresentação dos dados em gráficos. Essa fase de pesquisa foi realizada de forma qualitativa, com 28 participantes. Os questionários foram encaminhados virtualmente para os docentes, disponibilizados via e-mails, e link de Whatsapp, ou seja, um convite proposto aos professores para responderem 08 questões, entre as quais, 06 de múltipla escolha e 02 de forma aberta, tal recurso permitiu acompanhar a contabilização das respostas em tempo real.

O primeiro gráfico diz respeito ao uso de gêneros literários por parte dos professores. Quando perguntados se utilizavam nas aulas de Geografia algum

gênero literário, 67,9% responderam que sim. Quanto aos 32,1% que responderam “não”, essa proporção mostra o que os estudos apontam sobre a dificuldade dos docentes em incluir Literatura no seu trabalho, seja em forma de prosa ou poesia, pois “muitas das condições apontadas como essenciais para leitura de poesia são também indispensáveis para o ato de leitura em geral” (PINHEIRO, p.21, 2018).

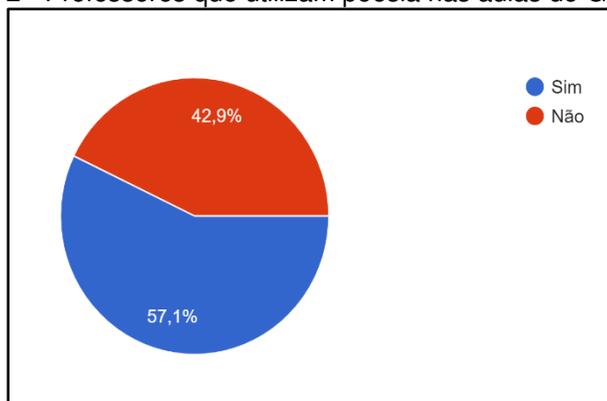
Gráfico 1- Professores que fazem uso de algum gênero literário.



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Quando perguntados se usavam poesia nas aulas de Geografia, no gráfico 2, o quantitativo de professores que disse usar esse recurso, 57,1%, baixou em relação ao gráfico anterior. Pinheiro (2018) diz que “normalmente os professores dão prioridade ao trabalho com texto em prosa, deixando sempre a poesia em segundo ou terceiro plano”.

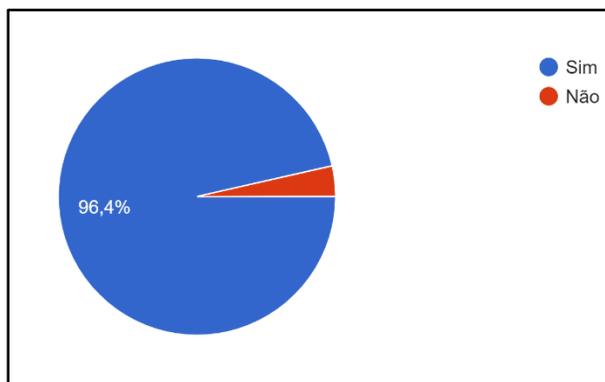
Gráfico 2 - Professores que utilizam poesia nas aulas de Geografia.



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Outra pergunta do questionário referia-se sobre a viabilidade do uso de poesia como recurso didático, como se observa no gráfico 03 a seguir.

Gráfico 3 - Poesia como um recurso pedagógico viável



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Embora a maioria dos professores, numa proporção de 94,4% tenham respondido que a poesia é um recurso didático viável, percebe-se que nos dois gráficos anteriores o quantitativo de 32,1% dos entrevistados não usa nenhum gênero literário e 42,9% não usam poesia nas aulas. Depreende-se que embora reconheçam a importância da poesia, um grande número de educadores tem dificuldade em usá-la.

Pinheiro (2018) também relata em seu trabalho que, dentre as dificuldades apontadas pelos professores para afastá-los do uso da poesia, destacam-se: “Como interpretá-la”, “como entendê-la”, “como compreender algumas passagens”, “dificuldade de analisá-la”, “de captar a mensagem”, “falta de intimidade”, “como interpretar algumas frases em sentido figurado”, “não saber ler em voz alta”.

Seguindo com a análise, é possível conferir no quadro – 1, sobre a frequência com que os professores costumam trabalhar com poesia no ensino de Geografia.

Quadro 1 – Uso da poesia pelos professores de Geografia.

RELATO DOS PROFESSORES
<i>1. Principalmente com temas ligados às questões sociais, lugares, uso música (poesias) pra introdução do conteúdo</i>
<i>2. Apenas do livro didático quando tem.</i>
<i>3. Uso de forma constante</i>
<i>4. Bastante</i>
<i>5. Somente quando estão presentes em alguma atividade do material escolar</i>

6. <i>Já utilizei algumas vezes</i>
7. <i>Nenhuma</i>
8. <i>Algumas vezes, pois vem como sugestão de atividade no livro do professor</i>
9. <i>4 vezes ao ano</i>
10. <i>Nenhuma</i>
11. <i>Não trabalho utilizando a poesia</i>
12. <i>Nunca trabalhei com poesia diretamente, mas em questões de atividades sim. Nas aulas, já utilizei trechos de obras em prosa, além de textos jornalísticos e propagandas.</i>
13. <i>Às vezes, em alguma temática mais relevante.</i>
14. <i>Não costumo utilizar. Somente uso quando alguma questão utiliza uma poesia para contextualização</i>
15. <i>Difícilmente</i>
16. <i>Trabalhei poucas vezes.</i>
17. <i>A utilização é feita de acordo com a temática que será trabalhada.</i>
18. <i>Busco trabalhar pelo menos 1 vez a cada bimestre.</i>
19. <i>Em alguns momentos</i>
20. <i>Raramente. Escrevi recentemente um livro com colegas, onde temos uma seção: música, poesia e charge.</i>
21. <i>De três ou quatro vez por semestre</i>
22. <i>Utilizo sempre nas primeiras aulas do primeiro ano do Ensino médio. São importantes para ampliar o processo de aprendizagem dos estudantes sobre os conceitos geográficos e análises espaciais.</i>
23. <i>Uso frequentemente em aulas, avaliações e/ou trabalhos extra-classe.</i>
24. <i>Quase nunca</i>
25. <i>Nas aulas de Guerra Fria</i>
26. <i>Sempre</i>
27. <i>Regularmente</i>
28. <i>Semestral.</i>

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Diante dos relatos dos professores no quadro – 1, observa – se que, de 28 (vinte e oito) respostas, 10 (dez) delas estão no sentido de que a poesia não é utilizada com muita frequência. Isso pode ser observado nas falas dos professores a seguir: 2 - “Apenas”, 5 - “somente quando”, 6 e 8 - “algumas vezes”, 13- “às vezes”, 15- “difícilmente”, 16- “poucas vezes”, 19- “em algum momento”, 20- “raramente” e 24- “quase nunca”. Em contrapartida, em pelo menos 8 (oito) respostas fica evidente que o uso desse recurso depende do assunto abordado ou em situações específicas como nas falas: 1, 5, 8, 12,13, 14, 17 e 25. Ou seja, a escolha do recurso ocorre mediante necessidades pontuais e de acordo com o conteúdo programático.

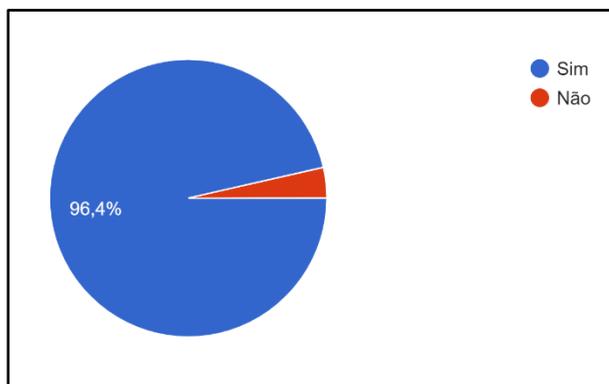
Em relação as representações e linguagens usadas no ensino de Geografia, Pontushka (2009) nos leva a refletir sobre a necessidade do uso do recurso, pois através deles as perspectivas de conhecimento se ampliam.

Os recursos didáticos – ou empregados como propostas didáticas –, na qualidade de mediadores do processo de ensino-aprendizagem nos diferentes níveis, obedecem em sua seleção e utilização, a alguns critérios, tais como a adequação aos objetivos propostos, aos conceitos e conteúdos a ser trabalhados, ao encaminhamento do trabalho desenvolvido pelo professor em sala de aula e às características da turma, do ponto de vista das representações que trazem para o interior da sala de aula. (PONTUSCHKA, 2009, p. 215-216).

Diante disso, o professor deve estar preparado para usar os recursos e conduzir a eficácia destes em suas aulas. A capacitação para isso deve ser assegurada durante seu processo de formação.

No gráfico 4 vemos o quantitativo de professores que dizem conhecer a poesia “Morte e Vida Severina”

Gráfico 4 – Professores que conhecem a poesia “Morte e Vida Severina”.



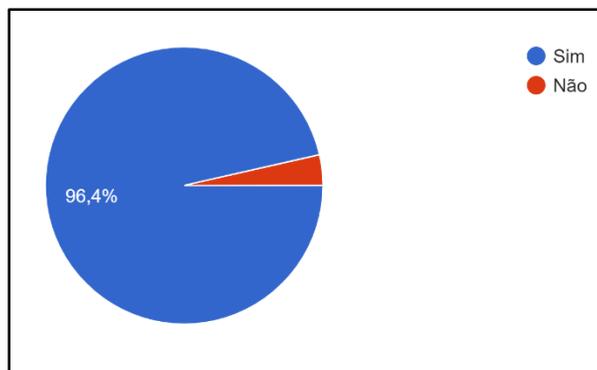
Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

De acordo com o gráfico 4, pode ser observado que a maioria dos entrevistados (96,4%) dizem conhecer a poesia “Morte e Vida Severina”. Por meio desse resultado podemos dizer que a maioria dos participantes em algum momento da sua jornada como docente já usou esse recurso em sala de aula ou somente ouviu falar. “Morte e Vida Severina” é uma poesia com narrativa regionalista de fácil identificação e que pode ser interpretada tanto pelos professores como pelos alunos.

Através do personagem “Severino”, são retratados os sertanejos como tantos outros, mostrando suas situações de fome, miséria e morte e luta por uma vida melhor longe do sertão.

Em seguida, buscou-se saber com os educadores, se a poesia “Morte e Vida Severina” favorece na compreensão dos conteúdos geográficos, como podemos observar no gráfico 5.

Gráfico 5 – A poesia “Morte e Vida Severina” na compreensão de assuntos geográficos.



Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Verificou-se no gráfico 5, dos 28 (vinte e oito) participantes desta pesquisa, 27 (vinte e sete) ou 96,4% responderam “sim” a essa pergunta afirmando que a poesia “Morte e Vida Severina” pode favorecer na compreensão de assuntos geográfico. Vale ressaltar que, por meio desta obra podem ser feitas várias leituras de características socioeconômicas assim como hidrografia, clima e relevo do sertão Nordeste.

A Geografia, ao trabalhar de forma interdisciplinar, permite ao aluno contextualizar e aproximar-se mais daquilo que é vivenciado em sala de aula, como a reflexão sobre questões de cidadania, diversidade cultural, étnica, religiosa e desigualdades sociais, e a compreensão de que processo influenciou a formação e a estrutura da civilização.

Para Fazenda (2003, p. 62): “A Geografia, vista interdisciplinarmente, ao lado das habilidades de descrever, observar e localizar pode contribuir também para um processo de comparação que conduza a novas explicações”. Dessa forma, trabalhar com temas atuais possibilita o desenvolvimento de comparações entre realidades diferentes. Criam-se oportunidades para o aluno questionar, e por esse

meio, elaborar explicações. É nesse exercício de pergunta e pesquisa, onde surgem de respostas (diferentes), que o aluno constrói a capacidade de argumentar. Em relação ao quadro 2, foi tratado sobre as dificuldades dos professores em usar a poesia como ferramenta didática no ensino de Geografia.

Quadro 2 - Dificuldades que impedem a utilização da poesia no ensino de Geografia.

RELATO DOS PROFESSORES
<i>1. Impressão de material, sempre que uso envio aos alunos por meios digitais word ou PDF</i>
<i>2. Falta de recursos</i>
<i>3. Não há impedimento</i>
<i>4. A falta da discussão por parte dos educadores</i>
<i>5. Encontrar poesias que abordem assuntos geográficos.</i>
<i>6. Os profissionais não estão sendo preparados para utilizar esse recurso, nunca vi ninguém falando sobre poesia em sala de aula, exceto os professores de Literatura e língua portuguesa. Mas a partir do momento que os profissionais entendem que é possível entender o contexto cultural, social e até físico de alguns lugares e regiões, tenho certeza que será utilizado cada vez mais esse recurso didático no ensino.</i>
<i>7. Material de apoio na escola</i>
<i>8. A diminuição da carga horária fez com que deixássemos de lado vários recursos didáticos</i>
<i>9. A base do ensino e da interpretação ainda é muito fraca</i>
<i>10. Falta de Material Didático</i>
<i>11. A ausência de profissionais na rede pública municipal, nos dias atuais a carência de professores é muito grande impactando a construção da base, digo a alfabetização, e posteriormente o fundamental menor.</i>
<i>12. Conseguir livros que contenham poesias com algum tema geográfico e distribuir para todos os alunos.</i>
<i>13. Material didático relacionado e interesse de professores.</i>
<i>14. Primeiramente a poesia não é, de fato, popular. A maioria dos professores (com exceção dos da área de linguagem), não interagem amplamente com esse gênero literário. Até mesmo porque a nossa formação em Geografia pouco introduz esse uso de poesia na ciência geográfica. Além disto, os problemas estruturais ou mesmo o desinteresse da maioria dos alunos acaba sendo um fator limitante.</i>
<i>15. Conhecimento da Literatura</i>
<i>16. Muitas vezes conciliar o uso da leitura em tempos de avanço de tecnologias, vídeos e redes sociais.</i>
<i>17. Vai depender da visão interdisciplinar do professor e também da afinidade com conteúdo proposto.</i>

<i>18. Penso que o maior impedimento está relacionado a alfabetização dos meus alunos, pois muitos apresenta dificuldade em fazer leituras de textos, compreender a sua mensagem e até mesmo dificuldade na escrita correta de palavra simples, ou seja, temos um significativo quantitativo de alunos que se enquadram na situação de analfabetos funcionais.</i>
<i>19. A ideia de que os conhecimentos são fragmentados por disciplina</i>
<i>20. Acho que não há dificuldade, é só prioridade em outros.</i>
<i>21. Muitos professores não conseguem fazer interrelação da poesia com conteúdos de Geografia.</i>
<i>22. Creio que a dificuldade dos docentes em compreender as contribuições das poesias para ampliar o aprendizado dos estudantes em diversos temas geográficos.</i>
<i>23. Conhecimento do docente e leitura literária contextualizada.</i>
<i>24. Minha falta de conhecimento sobre poesias.</i>
<i>25. Falta de interesse por leitura.</i>
<i>26. Tempo das aulas ou carga horária</i>
<i>27. A interdisciplinaridade é sempre difícil de ser alcançada.</i>
<i>28. Muitos conteúdos a serem ministrados.</i>

Fonte: Dados da pesquisa, 2022.

Nesse quadro, foi observado em pelo menos 7(sete) respostas dos entrevistados que a dificuldade de usar a poesia é falta de recurso por não ter um material de apoio na escola. Esse material de apoio pode ser a impressão de cópias do texto para ser lido pelos alunos até a falta de biblioteca com livros disponíveis dentro do tema que se pretende trabalhar.

Quanto a este último, em 2010, foi sancionada a Lei nº 12.244/2010, chamada de Lei da Universalização das Bibliotecas Escolares. A mesma determina que “todas as instituições de ensino do país, públicas e privadas, deverão desenvolver esforços progressivos para constituírem bibliotecas com acervo mínimo de um título para cada aluno matriculado - ampliando este acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares. A efetivação das bibliotecas deverá ocorrer no prazo máximo de dez anos, ou seja, até 25 de maio de 2020” (BRASIL, 2010), conforme aponta o projeto.

Porém o prazo chegou ao fim e a universalização não aconteceu conforme o previsto. A Comissão de Educação da Câmara dos Deputados aprovou o Projeto de Lei 4003/20, que ampliou o prazo para 2024 e alterou a definição de

biblioteca escolar para abranger outros suportes além do livro impresso: livros digitais, materiais videográficos, áudios, fotos e documentos registrados em qualquer suporte destinados à consulta, pesquisa, estudo ou leitura.

Contudo, de acordo com Agência Câmara de Notícias (2018), 98 mil das 180 mil escolas brasileiras, ou seja 55%, não têm biblioteca escolar ou sala de leitura. Os dados são do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e foram apresentados pelo coordenador-geral dos Programas do Livro do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), Lauri Cericato, em audiência pública na Câmara dos Deputados.

Também foi relatado pelos professores, em pelo menos 9 (nove) respostas, a alegação de falta de preparo. Dentro dessa questão estão a falta de interesse pela leitura por parte do docente, a falta de preparação dos professores durante a vida acadêmica para trabalhar com gêneros literários em sala de aula e também a falta de letramento dos alunos, pois muitos não sabem ler e interpretar corretamente.

Com relação ao uso de outros instrumentos educativos, a totalidade dos entrevistados responderam que exploram outros recursos didáticos-pedagógicos em suas aulas. Isso significa dizer que os docentes estão considerando as linguagens como propostas que promovem a integração de conhecimentos para os estudantes.

Os recursos metodológicos aspiram preencher as lacunas que o ensino tradicional geralmente deixa, e com isso, além de expor o conteúdo de uma forma distinta, fazer dos alunos participantes do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que, também podem ser produzidos pelos próprios discentes.

Por recursos didáticos, baseado no que diz Pontushka (2009), entende-se “vários tipos de materiais e linguagens, como: mapas, gráficos, imagens de satélite, Literatura, música, poemas, filme, videoclipe, jogos, livro didáticos, paradidáticos”. Estes materiais podem ser manuseados em sala de aula para propiciar maior relevância aos temas trabalhados pela disciplina.

Diante do exposto, e em conformidade com os dados que foram obtidos nesta pesquisa, entende-se que o uso de gêneros literários bem como de poesia,

não é uma novidade, porém também não é uma prática habitual, seja por questões de ordem técnica ou por falta de preparo para usar esse recurso em seu trabalho.

Quanto a poesia “Morte e Vida Severina”, é uma obra já bastante conhecida no cenário nacional e explorada por muitos professores, o que pode ser constatado pela grande quantidade de artigos, monografias, dissertações e teses que foram encontradas disponíveis na internet. Essa pesquisa com 28 (vinte e oito) professores de Geografia, em níveis variados de ensino, deixa como mostra uma constatação que embora reconheçam o valor do recurso, não utilizam, por fatores diversos.

7 CONCLUSÃO

Com relação a esta pesquisa, iniciou-se por meio de um estudo de caso do poema “Morte e Vida Severina” e a relação entre a linguagem poética e o ensino de Geografia, onde havia a perspectiva da pesquisadora, estimulada pela orientadora, de entender a respeito desse tema. Por conseguinte, os objetivos de analisar a relação entre a linguagem poética da obra Morte e Vida Severina no ensino de Geografia para construção de conhecimento de educação geográfica, foram trabalhados para que se alcançasse as respostas que se almejava encontrar.

Por meio dos capítulos deste trabalho, é possível responder que existe na obra, de forma bem contextualizada, uma Geografia em que se percebe os conceitos básicos de lugar, região, espaço e paisagem. Isso fica evidente pela descrição do cenário em que se desenrola a história.

A realidade visceral das dificuldades existentes nessa parte do Nordeste brasileiro retrata uma situação comum há tantos outros nordestinos. A morte é uma constante na vida do personagem Severino, que buscando meios para sobreviver a miséria e a fome, sempre se depara com ela pelo caminho. Chega mesmo a pensar na própria morte, por meio do suicídio, por falta de esperança em uma vida melhor.

Nota-se que o objetivo geral da pesquisa foi atingido, visto que conseguiu identificar vários elementos geográficos que integram a poesia em questão, no que diz respeito a região Nordeste, fomentando reflexão sobre as questões físicas, hidrográficas, socioeconômicas, políticas e culturais dessa região.

No primeiro objetivo que significa, reconhecer a interface entre o ensino de Geografia e a Literatura, foram elencadas várias discussões no que diz respeito ao modo como a Literatura e Geografia sempre estiveram relacionadas, por meio da concepção de vários autores e trabalhos que abordam sobre essas duas ciências.

No segundo objetivo específico pretendeu-se discutir através de um estudo de caso a utilização da poesia “Morte e Vida Severina” no ensino de Geografia, tal perspectiva atingiu o que foi proposto porque houve uma descrição e uma análise geográfica a respeito da respectiva obra.

O terceiro objetivo específico neste estudo, que era desenvolver um laboratório de poesia para sala de aula de Geografia, consistiu em identificar outras linguagens no ensino que serviriam como recurso didático para a construção de conhecimentos no contexto da educação geográfica. Nesse sentido, verifica-se que as expectativas foram atendidas porque conseguiu englobar vários autores que trazem estudos e contribuições com linguagens que podem ser trabalhadas pelo professor na educação geográfica.

Durante a construção do trabalho, foram observados vários elementos da poesia *Morte e Vida Severina*, que podem ser relacionadas com questões geográficas, ou seja, podem servir com seus elementos para o entendimento de conceitos geográficos, como é o caso da paisagem. Ademais, oportuniza ao sujeito refletir sobre as relações que ocorrem em um determinado território. Outro ponto que cabe ser colocado é com relação a questão socioeconômica e a desigualdade social presente ao longo de toda a história, que possibilita a reflexão sobre a falta de intervenção política na melhoria da qualidade de vida da população sertaneja.

Foram utilizadas várias obras de autores como Milton Santos; Helder Pinheiro; Savian; Zilberman; Pontuschka, Paganelli e Cacete, para explicar e contribuir no que se refere as discussões envolvendo abordagens teóricas e conceituais. Para a pesquisadora, fica o contentamento do trabalho concluído, sabendo que sempre há algo a mais que possa ser melhorado.

Como professora em formação, esse trabalho permitiu observar e aprender a riqueza metodológica que o mesmo permite ver. De modo igual, abriu a possibilidade de conhecer com mais intensidade, por meio da pesquisa da linguagem poética, outros expedientes para ensinar Geografia. Lembrando que esse obra não permite somente analisar sobre o ponto de vista geográfico, mas também é possível trabalhar de forma interdisciplinar, como é o caso da língua portuguesa, dentre outras.

Outra forma de delimitar é acerca dos espaços rural e urbano, por meio dos conceitos geográficos como é o caso do conceito de paisagem, assim, em vista disso, considera-se que a poesia "*Morte e Vida Severina*" pode agregar positivamente no âmbito escolar geográfico.

Portanto, novas perguntas surgem a partir desta conclusão: quantos Severinos estão neste sertão nordestino necessitando de um meio de subsistência para sobreviverem dignamente e serem enxergados pela sociedade?

REFERÊNCIAS

AGUIAR, P. R.; FONSECA, G.S. **Geografia na Literatura Sertaneja de Morte e Vida Severina**. In: XV Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2015, Havana, Cuba. XV Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2015. Disponível em: <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal15/Teoriaymetodo/Methodologicos/06.pdf>. Acesso em: 27 ago. 22

ALENCAR, Josivane José de; SILVA, Josélia Saraiva e. **Recursos didáticos não convencionais e seu papel na organização do ensino de Geografia escolar**. Geosaberes, Fortaleza, v. 9, n. 18, p. 1-14, mai./ago. 2018. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/55708/1/2018_art_jjdalencar.pdf. Acesso em: 22 nov. 2022.

ALMEIDA, Roseli Maria Rosa de; ESPÍNDOLA, Ana Lucia. **Escolarização e Leitura Para Crianças no Brasil no Início da República. Revista Eletrônica Acolhendo A Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa**, São Paulo, v., n. 9, p.68-89, set. 2011. Setembro-fevereiro. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/879/87916949001.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2022.

ALVAREZ, A. G. R. A pintura e o poema: processos de criação e de leitura. **Letras & Letras**, [S. l.], v. 27, n. 2, 2012. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/25754>. Acesso em: 14 dez. 2022.

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno. **Literatura de explorações e aventuras: as “viagens extraordinárias” de Júlio Verne**. Sociedade & Natureza, Uberlândia, 20 (2): 107-119, dez. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sn/a/46K39TN4PvyH98NXPrzbPd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 set. 2022.

ANTUNES, W. **Lendo e formando leitores: orientações para o trabalho com a Literatura infantil: Circuito Campeão**. São Paulo, Global, 2005.

ARAÚJO, Raimundo Lenilde de. **O Ensino de Geografia: perspectivas histórico-curricular no Brasil republicano**. 2012. 139f. Tese (doutorado). UFC, Fortaleza – Ceará. 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/7603#:~:text=Verificou%2Dse%20que%2C%20no%20per%20C3%ADodo,anos%20de%201930%2C%20por%20ge%20C3%B3grafos>. Acesso em: 14 ago. 2022.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/ 2017. Disponível, em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 12 out. 2021.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais, terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – **introdução aos parâmetros curriculares Nacionais** – Brasília 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>. Acesso em: 12 out. 2021.

_____. Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 maio 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12244.htm. Acesso em: 10 dez. 2022.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. **Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar**. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 209-225, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-416230>. Acesso em: 10 ago. 2022.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Bases Teórico-metodológicas da Geografia: uma referência para a formação e a prática de ensino**. In: _____. (org.). **Formação de Professores: concepções e práticas em Geografia**. Goiânia: Vieira, 2006. 152p. Disponível <http://nepeg.com/newnepeg/wp-content/uploads/2014/04/LIVRO-FORMA%C3%87%C3%83O-DE-PROFESSORES-CONCEP%C3%87%C3%95ES-E-PR%C3%81TICAS-2006.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022. p. 27-51.

_____. **Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao Ensino de Geografia**. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 25, n. 66, p. 185-207, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/21146>. Acesso em: 10 ago. 2022.

COELHO, Maria Rosana. **Geografia e Literatura: um elo possível**. Orientador: Marcos Assis Pereira de Sousa. 2014. 39 f. TCC (Graduação). Curso de Geografia. Centro de Formação de Professores. Universidade Federal de Campina Grande – Campus de Cajazeiras, Cajazeira, 2014. Disponível: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/9381>. Acesso em: 23 ago. 2022.

COELHO, Maria Rosana et al. **Literatura e Geografia: um elo possível**. Anais III CONEDU... Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/21364>>. Acesso em: 04 set. 2022

CORRÊA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

COSTA, Fábio Rodrigues da; ROCHA, Márcio Mendes. Geografia: Conceitos e Paradigmas - Apontamentos Preliminares. **Rev. GEOMAE**. Campo Mourão, PR, v.1, n.2, p. 25-56, 2. sem, 2010. GAMA, Basílio da. O Uruguai. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/geomae/article/view/5756>. Acesso em: 23 set. 2022.

DEFFUNE, G. Relato de uma experiência de história em quadrinhos no ensino da Geografia; - doi: 10.4025/bolgeogr. v28i1.8628. Boletim de Geografia, v. 28, n. 1, p. 157-169, 27 set. 2010. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/8628>. Acesso em: 28 nov.2022.

FARIA, Andressa Carla Nóbrega de Azevedo. **A elaboração de um livro paradidático como proposta metodológica para o ensino de Geografia**. 2018. 116f. Dissertação (Mestrado Profissional em Geografia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/26471>. Acesso em: 18 nov. 2022.

FLÁVIO, L. C. Por uma Geografia com poesia. **Revista GeoUECE**, [S.l.], v.8, n.15, p.8–22, 2020. Disponível em:<https://revistas.uece.br/index.php/GeoUECE/article/view/1815>. Acesso em: 27 ago. 2022

GEBRAN, R.A. A Geografia no Ensino Fundamental – Trajetória Histórica e Preposições Pedagógicas. In: **Revista Científica da Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE**. v.1, n.1, p. 81 -88, jul./dez, 2003.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008

GOES, V. A. **Geografia, poesia e algumas palavras sobre saber, ser e habitar / Geography, poetry and a few words about knowing, being and dwelling**. Geograficidade, v. 5, n. Especial, p. 170-189, 3 out. 2015. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12935>. Acesso em: 23 de out. 2021.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **A mobilidade das Fronteiras – inserções da Geografia na crise da modernidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

KAERCHER, Nestor André. **A Geografia escolar na prática docente: a utopia e os obstáculos epistemológicos da Geografia Crítica**. 2004. 363f. Tese (Doutorado em Geografia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, FFLCH-USP. São Paulo – SP. 2004. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-01052005-224221/publico/NestorAndrekaercher.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2022.

_____. **Quando a Geografia crítica é um pastel de vento e nós, seus professores, midas**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

LAJOLO, Marisa.; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

LACOSTE, Yves. **A Geografia – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas, SP: Papyrus, 1988. 238p Título original: *La Géographie, ça sert, d'abord, à faire la guerre*. Tradução: Maria Cecília França.

LIMA, Solange Terezinha de. Geografia e Literatura: alguns pontos sobre a percepção de paisagem. **Geosul**, Revista de Departamento de Geociências. Florianópolis. V. 15, n 30.p.7-33, jul/dez 2000.

MARANDOLA JR, Eduardo. Humanismo e arte para uma Geografia do conhecimento. **Geosul**, Florianópolis, v. 25, n. 49, 251p., jan./jun. 2010 Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2010v25n49p7/14027>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MARANHÃO. **Documento Curricular do Território Maranhense.: R Para a educação infantil e o ensino fundamental**. Rio de Janeiro: FGV, 2019. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_stados/documento_curricular_ma.pdf Acesso em: 15 jul. 2022.

MARTINS, Rosa Elisabeth Militz Wypczynki. A trajetória da Geografia e seu ensino no século XXI. In: TONINI, Ivaine Maria. O ensino de Geografia e suas composições curriculares. Porto Alegre: UFRGS, 2011, p. 61-75.

Mas, afinal... O Que é Uma Graphic Novel? **Splashpages.wordpress.com**, 27 de junho de 2017. Disponível em: <https://splashpages.wordpress.com/2017/06/27/mas-afinal-o-que-e-uma-graphic-novel/>. Acessado em: 16 jan 2023.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida Severina: auto de Natal pernambucano**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

_____. **Morte e vida severina. Edição em quadrinhos realizada por Miguel Falcão**. Disponível em: https://portalgeek.com.br/pdf/posts/morte-e-vida-severina-obra-joao-cabral-de-melo-neto/morte_vida_severina_quadrinhos.pdf. Acesso: 13 dez. 2022.

MENEZES, Victória Sabbado. **Geografia escolar: as concepções teóricas e a epistemologia da prática do professor de Geografia**. 2016. 205p. Dissertação (mestrado em Geografia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRS - Porto Alegre. 2016. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/142241>. Acesso em: 23 out. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MOCCHI, Márcia Hávila. **A poesia infantil brasileira: recorrência de temas e formas**; 2015; Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual de Maringá, Maringá-Paraná, 2015. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/dissertacoes_teses/tese_marcia_havila_mocci.pdf. Acesso em: 22 set. 2022

MORAGAS, Rosana Alves Riba. *Literatura e Geografia: relação metodológica possível*. In: **VI Congresso Internacional de História**, Jataí-GO. Disponível em: <https://www.2018.congressohistoriajatai.org>. Acesso em: 14 out. 2021.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. 6ed. São Paulo: Hucitec, 1988. 138p.

MOREIRA, R. ASSIM SE PASSARAM DEZ ANOS (A RENOVAÇÃO DA GEOGRAFIA NO BRASIL: 1978-1988). **Caderno Prudentino de Geografia**, [S. l.], v. 1, n. 14, p. 5–39, 2020. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7213>. Acesso em: 2 dez. 2022.

MUNAKATA, Kazumi. **Produzindo livro didático e paradidático**. 1997. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) – Pontifícia Católica de São

Paulo, 1997. Disponível em:
file:///C:/Users/Pollyana/Downloads/Produzindo_livros_didaticos_e_paradidati.pdf.
Acesso em: 28 nov. 2022.

OLIVEIRA Jr., W. M; GIRARDI, G. Diferentes linguagens no ensino de Geografia. In: XI Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia (ENPEG), 2011, Goiânia-GO. **ANAIS XI ENPEG**. Goiânia: UFRGS, 2011. Disponível em <https://poesionline.files.wordpress.com/2015/02/oliveirajrgirardi-20111.pdf>. Acesso em: 14 de out 2021.

PINHEIRO, Helder. **Poesia na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2018.

PINHEIRO NETO, J. E.; SUZUKI, J. C.; LIMA, A. L. M. de. Paisagem e Literatura: análises geoliterárias no poema Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto. **Revista Geografia Literatura e Arte**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 50-63, 2020. DOI: 10.11606/issn.2594-9632.geoliterart.2020.167379. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geoliterart/article/view/167379>. Acesso em: 4 set. 2022.

PINHEIRO NETO, José Elias. **Uma viagem paisagística pelas zonas geográfica da obra Morte e Vida severina de João Cabral de Melo Neto**. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia), Curso de Geografia, Universidade Federal de Goiás, Catalão-Goiás, 2010. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tde/384/1/Dissertacao%20Jose%20Elias%20Pinheiro%20Neto%20-%20Geografia.pdf>. Acesso em: 20 nov.2022.

PONTUSCHKA, N.N.; PAGANELLI, T. I; CACETE, N.H. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2009.

ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. **Geografia no currículo escolar brasileiro (1837-1942)**. Presença: Revista de educação, cultura e meio ambiente, Porto Velho - RO - vol. II, nº 12. Dez., 1998. Disponível em: http://www.revistapresenca.unir.br/artigos_presenca/12genyltonodilonregodarocha_geografianocurriculoescolar.pdf Acesso em: 22 ago. 2022.

_____. **O colégio Pedro II e a institucionalização da Geografia escolar no Brasil Império**. Giramundo: Revista de Geografia do Colégio Pedro II, Rio de Janeiro-RJ. v. 1, n. 1 p. 15-34. 2014. Disponível em: <http://cp2.g12.br/ojs/index.php/GIRAMUNDO/article/view/7/5>. Acesso em: 22 ago. 2022.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova**. São Paulo, Hucitec, 1978.

_____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção.** – 4ª Ed. 2ª reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2006 – (coleção Milton Santos:1).

_____. **A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção.** – 3ª Ed. – São Paulo: Hucitec, 1999.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica.** 11ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2011. 137p. Disponível em: <file:///C:/Users/Pollyana/Downloads/DermevalSaviani-Pedagogiahistorico-criticaprimeirasaproximaes11edrevisada1.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2022.

SILVA, Igor Antônio; BARBOSA, Tulio. O ensino de Geografia e a Literatura: uma contribuição estética. **Caminhos de Geografia Uberlândia**, v. 15, n. 49 Mar/2014, p. 80–89. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/23358>. Acesso em 26 ago. 2022.

SILVA, E. F.; JESUS, W. G.. **Como e porque trabalhar poesia na sala de aula.** Revista Graduando, v. 01, p. 21-34, 2011. Disponível em: http://www.leg.uefs.br/arquivos/File/materiais/ARTIGOS_poema_poesia_cordel/Eliseu_Ferreira_da_Silva_Wellington_Gomes_de_Jesus_2011_Como_e_por_que_trabalhar_com_a_poesia_na_sala_de_aula.pdf. Acesso em: 30 set. 2022.

SOUSA, Lucimara Oliveira de; PORTELA, Mugiany Oliveira Brito. **A Literatura de cordel como recurso didático não-convencional para o ensino de Geografia.** GEOGRAFIA (UFPI), v. 01, p. 05-28, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/Geografia/article/view/8179>. Acesso em: 24 nov. 2022.

SOUZA, Thiago Tavares de; PEZZATO, João Pedro. **Educação, Geografia e Escola: Geografia Escolar e as Influências Pedagógicas Institucionais até a Década de 1960.** Disponível em: <https://enhpjii.files.wordpress.com/2009/10/thiago-tavares-de-souza-e-jo1.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2022.

TEIXEIRA, Ana Lucia. **Novas Linguagens no Ensino de Geografia. 10º Encontro Regional de Prática de Ensino em Geografia.** Setembro de 2009, Porto Alegre. Disponível em: [http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT1/tc1%20\(46\).pdf](http://www.agb.org.br/XENPEG/artigos/GT/GT1/tc1%20(46).pdf). Acesso em 02 ago. 2022.

VALE, José Misael Ferreira do. **Geografia e poesia**. R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 88, n. 219, p. 274-290, maio/ago. Disponível em: <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/1468>. Acesso em: 23 out. 2021.

WEITZEL, Antônio Henrique. Literatura de Cordel. *In*: Antônio Henrique. **Folclore Literário e Linguístico**: pesquisas de Literatura oral e de linguagem popular. Juiz de Fora: EDUFJF, 2.ed. 1995. cap. 20, p.109-115.

ZANINI, Michel. **Formulário eletrônicos**. 2007. 21 p. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis. Disponível em https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos_projetos/projeto_698/artigo.pdf. Acesso em: 08 dez. 2022.

ZANATTA, Beatriz Aparecida. **As referências teóricas da Geografia escolar e sua presença na investigação sobre as práticas de ensino**. *Educativa*, Goiânia, v. 13, nº 2, p. 285-305 jul/dez. 2010. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/1419/935>. Acesso em: 24 ago. 2022.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura infantil na escola**. 4 ed. São Paulo: Global, 1985.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS PROFESSORES

1. Você faz uso de algum gênero literário nas aulas de Geografia?
2. Você utiliza poesia nas aulas de Geografia?
3. Você considera a poesia um recurso pedagógico viável para o ensino de Geografia?
4. De acordo com sua experiência como docente, com que frequência você costuma trabalhar com poesia no ensino de Geografia?
5. Você conhece a poesia “Morte e Vida Severina”, de João Cabral de Melo Neto?
6. Você considera que a poesia “Morte e Vida Severina”, pode ajudar na compressão de assuntos Geográficos?
7. Na sua opinião, quais dificuldades impedem a utilização da poesia no ensino de Geografia?
8. Você costuma trabalhar outros recursos didáticos para o ensino-aprendizagem dos estudantes?

ANEXO

Morte e Vida Severina

Texto integral

(João Cabral de Mello Neto)

O RETIRANTE EXPLICA AO LEITOR QUEM É E A QUE VAI

- O meu nome é Severino,
como não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;
como há muitos Severinos
com mães chamadas Maria,
fiquei sendo o da Maria
do finado Zacarias.
Mais isso ainda diz pouco:
há muitos na freguesia,
por causa de um coronel
que se chamou Zacarias
e que foi o mais antigo
senhor desta sesmaria.
Como então dizer quem falo
ora a Vossas Senhorias?
Vejam: é o Severino

da Maria do Zacarias,
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.
Mas isso ainda diz pouco:
se ao menos mais cinco havia
com nome de Severino
filhos de tantas Marias
mulheres de outros tantos,
já finados, Zacarias,
vivendo na mesma serra
magra e ossuda em que eu vivia.
Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas
e iguais também porque o sangue,
que usamos tem pouca tinta.
E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina:
que é a morte de que se morre
de velhice antes dos trinta,
de emboscada antes dos vinte
de fome um pouco por dia
(de fraqueza e de doença
é que a morte severina
ataca em qualquer idade,
e até gente não nascida).

**Somos muitos Severinos
iguais em tudo e na sina:
a de abrandar estas pedras
suando-se muito em cima,
a de tentar despertar
terra sempre mais extinta,
a de querer arrancar
alguns roçado da cinza.
Mas, para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino
que em vossa presença emigra.**

**ENCONTRA DOIS HOMENS
CARREGANDO UM DEFUNTO NUMA
REDE, AOS GRITOS DE "Ó IRMÃOS DAS
ALMAS! IRMÃOS DAS ALMAS! NÃO FUI
EU QUEM MATEI NÃO!"**

**A quem estais carregando,
irmãos das almas,
embrulhado nessa rede?
dizei que eu saiba.
A um defunto de nada,
irmão das almas,
que há muitas horas viaja
à sua morada.
E sabeis quem era ele,
irmãos das almas,**

sabeis como ele se chama

ou se chamava?

Severino Lavrador,

irmão das almas,

Severino Lavrador,

mas já não lavra.

- E de onde que o estais trazendo,

irmãos das almas,

onde foi que começou

vossa jornada?

- Onde a Caatinga é mais seca,

irmão das almas,

onde uma terra que não dá

nem planta brava.

- E foi morrida essa morte,

irmãos das almas,

essa foi morte morrida

ou foi matada?

- Até que não foi morrida,

irmão das almas,

esta foi morte matada,

numa emboscada.

- E o que guardava a emboscada,

irmão das almas

e com que foi que o mataram,

com faca ou bala?

- Este foi morto de bala,

irmão das almas,

mas garantido é de bala,

mais longe vara.

- E quem foi que o emboscou,

irmãos das almas,
quem contra ele soltou
essa ave-bala?

- Ali é difícil dizer,
irmão das almas,
sempre há uma bala voando
desocupada.

- E o que havia ele feito
irmãos das almas,
e o que havia ele feito
contra a tal pássara?

- Ter um hectare de terra,
irmão das almas,
de pedra e areia lavada
que cultivava.

- Mas que roças que ele tinha,
irmãos das almas
que podia ele plantar
na pedra avara?

- Nos magros lábios de areia,
irmão das almas,
os intervalos das pedras,
plantava palha.

- E era grande sua lavoura,
irmãos das almas,
lavoura de muitas covas,
tão cobiçada?

- Tinha somente dez quadras,
irmão das almas,
todas nos ombros da serra,
nenhuma várzea.

- Mas então por que o mataram,
irmãos das almas,
mas então por que o mataram
com espingarda?

- Queria mais espalhar-se,
irmão das almas,
queria voar mais livre
essa ave-bala.

- E agora o que passará,
irmãos das almas,
o que é que acontecerá
contra a espingarda?

- Mais campo tem para soltar,
irmão das almas,
tem mais onde fazer voar
as filhas-bala.

- E onde o levais a enterrar,
irmãos das almas,
com a semente do chumbo
que tem guardada?

- Ao cemitério de Torres,
irmão das almas,
que hoje se diz Toritama,
de madrugada.

- E poderei ajudar,
irmãos das almas?
vou passar por Toritama,
é minha estrada.

- Bem que poderá ajudar,
irmão das almas,
é irmão das almas quem ouve

nossa chamada.

- E um de nós pode voltar,
irmão das almas,
pode voltar daqui mesmo
para sua casa.

- Vou eu que a viagem é longa,
irmãos das almas,
é muito longa a viagem
e a serra é alta.

- Mais sorte tem o defunto
irmãos das almas,
pois já não fará na volta
a caminhada.

- Toritama não cai longe,
irmãos das almas,
seremos no campo santo
de madrugada.

- Partamos enquanto é noite
irmãos das almas,
que é o melhor lençol dos mortos
noite fechada.

**O RETIRANTE TEM MEDO DE SE
EXTRAVIAR POR SEU GUIA, O RIO
CAPIBARIBE,**

- Antes de sair de casa
aprendi a ladainha
das vilas que vou passar
na minha longa descida.
Sei que há muitas vilas grandes,

idades que elas são ditas;
sei que há simples arruados,
sei que há vilas pequeninas,
todas formando um rosário
cujas contas fossem vilas,
de que a estrada fosse a linha.
Devo rezar tal rosário
até o mar onde termina,
saltando de conta em conta,
passando de vila em vila.
Vejo agora: não é fácil
seguir essa ladainha;
entre uma conta e outra conta,
entre uma e outra ave-maria,
há certas paragens brancas,
de planta e bicho vazias,
vazias até de donos,
e onde o pé se descaminha.
Não desejo emaranhar
o fio de minha linha
nem que se enrede no pelo
hirsuto desta caatinga.
Pensei que seguindo o rio
eu jamais me perderia:
ele é o caminho mais certo,
de todos o melhor guia.
Mas como segui-lo agora
que interrompeu a descida?
Vejo que o Capibaribe,
como os rios lá de cima,
é tão pobre que nem sempre

pode cumprir sua sina
e no verão também corta,
com pernas que não caminham.
Tenho que saber agora
qual a verdadeira via
entre essas que escancaradas
frente a mim se multiplicam.
Mas não vejo almas aqui,
nem almas mortas nem vivas;
ouço somente à distância
o que parece cantoria.
Será novena de santo,
será algum mês-de-Maria;
quem sabe até se uma festa
ou uma dança não seria?

**NA CASA A QUE O RETIRANTE CHEGA
ESTÃO CANTANDO EXCELÊNCIAS PARA
UM DEFUNTO, ENQUANTO
UM HOMEM, DO LADO DE FORA, VAI
PARODIANDO A PALAVRAS DOS
CANTADORES**

- Finado Severino,
quando passares em Jordão
e o demônios te atalharem
perguntando o que é que levas...
- Dize que levas cera,
capuz e cordão
mais a Virgem da Conceição.
- Finado Severino, etc...

- Dize que levas somente coisas de não: fome, sede, privação.
- Finado Severino, etc...
- Dize que coisas de não, ocas, leves: como o caixão, que ainda deves.
- Uma excelência dizendo que a hora é hora.
- Ajunta os carregadores que o corpo quer ir embora.
- Duas excelências...
-...dizendo é a hora da plantação.
- Ajunta os carregadores...
-...que a terra vai colher a mão.

**CANSADO DA VIAGEM O RETIRANTE
PENSA INTERROMPÊ-LA POR UNS
INSTANTES E PROCURAR
TRABALHO ALI ONDE SE ENCONTRA.**

- Desde que estou retirando só a morte vejo ativa, só a morte deparei e às vezes até festiva; só a morte tem encontrado quem pensava encontrar vida, e o pouco que não foi morte foi de vida severina (aquela vida que é menos vivida que defendida,

e é ainda mais severina
para o homem que retira).
Penso agora: mas por que
parar aqui eu não podia
e como Capibaribe
interromper minha linha?
ao menos até que as águas
de uma próxima invernia
me levem direto ao mar
ao refazer sua rotina?
Na verdade, por uns tempos,
parar aqui eu bem podia
e retomar a viagem
quando vencesse a fadiga.
Ou será que aqui cortando
agora minha descida
já não poderei seguir
nunca mais em minha vida?
(será que a água destes poços
é toda aqui consumida
pelas roças, pelos bichos,
pelo sol com suas línguas?
será que quando chegar
o rio da nova invernia
um resto de água no antigo
sobrará nos poços ainda?)
Mas isso depois verei:
tempo há para que decida;
primeiro é preciso achar
um trabalho de que viva.
Vejo uma mulher na janela,

ali, que se não é rica,
parece remediada
ou dona de sua vida:
vou saber se de trabalho
poderá me dar notícia.

DEPOIS, DESCOBRE TRATAR-SE DE QUEM SE SABERÁ

- Muito bom dia, senhora,
que nessa janela está;
sabe dizer se é possível
algum trabalho encontrar?
- Trabalho aqui nunca falta
a quem sabe trabalhar;
o que fazia o compadre
na sua terra de lá?
- Pois fui sempre lavrador,
lavrador de terra má;
não há espécie de terra
que eu não possa cultivar.
- Isso aqui de nada adianta,
pouco existe o que lavrar;
mas diga-me, retirante,
o que mais fazia por lá?
- Também lá na minha terra
de terra mesmo pouco há;
o que eu fazia por lá?
comer quando havia o quê
e, havendo ou não, trabalhar.
- Essa vida por aqui

é coisa familiar;
mas diga-me retirante,
sabe benditos rezar?
sabe cantar excelências,
defuntos encomendar?
sabe tirar ladainhas,
sabe mortos enterrar?
- Já velei muitos defuntos,
na serra é coisa vulgar;
mas nunca aprendi as rezas,
sei somente acompanhar.
- Pois se o compadre soubesse
rezar ou mesmo cantar,
trabalhávamos a meias,
que a freguesia bem dá.
- Agora se me permite
minha vez de perguntar:
como senhora, comadre,
pode manter o seu lar?
- Vou explicar rapidamente,
logo compreenderá:
mas até a calva da pedra
sinto-me capaz de arar.
- Também de pouco adianta,
nem pedra há aqui que amassar;
diga-me ainda, compadre,
que mais fazias por lá?
- Conheço todas as roças
que nesta chã podem dar;
o algodão, a mamona,
a pita, o milho, o caroá.

- Esses roçados o banco
já não quer financiar;
mas diga-me, retirante,
o que mais fazia lá?
- Melhor do que eu ninguém
sei combater, quiçá,
tanta planta de rapina
que tenho visto por cá.
- Essas plantas de rapina
são tudo o que a terra dá;
diga-me ainda, compadre
que mais fazia por lá?
- Tirei mandioca de chãs
que o vento vive a esfolar
e de outras escalavras
pela seca faça solar.
- Isto aqui não é Vitória
nem é Glória do Goitá;
e além da terra, me diga,
que mais sabe trabalhar?
- Sei também tratar de gado,
entre urtigas pastorear;
gado de comer do chão
ou de comer ramas no ar.
- Aqui não é Surubim
nem Limoeiro, oxalá!
mas diga-me, retirante,
que mais fazia por lá?
- Em qualquer das cinco tachas
de um bangüê sei cozinhar;
sei cuidar de uma moenda,

de uma casa de purgar.

- Com a vinda das usinas

há poucos engenhos já;

nada mais o retirante

aprendeu a fazer lá?

- Ali ninguém aprendeu

outro ofício, ou aprenderá;

mas o sol, de sol a sol,

bem se aprende a suportar.

- Mas isso então será tudo

em que sabe trabalhar?

vamos, diga, retirante,

outras coisas saberá.

- Deseja mesmo saber

o que eu fazia por lá?

comer quando havia o quê

e, havendo ou não, trabalhar.

- Essa vida por aqui

é coisa familiar;

mas diga-me retirante,

sabe benditos rezar?

sabe cantar excelências,

defuntos encomendar?

sabe tirar ladainhas,

sabe mortos enterrar?

- Já velei muitos defuntos,

na serra é coisa vulgar;

mas nunca aprendi as rezas,

sei somente acompanhar.

- Pois se o compadre soubesse

rezar ou mesmo cantar,

trabalhávamos a meias,
que a freguesia bem dá.

- Agora se me permite
minha vez de perguntar:
como senhora, comadre,
pode manter o seu lar?

- Vou explicar rapidamente,
logo compreenderá:
como aqui a morte é tanta,
vivo de a morte ajudar.

- E ainda se me permite
que volte a perguntar:
é aqui uma profissão
trabalho tão singular?

- É, sim, uma profissão,
e a melhor de quantas há:
sou de toda a região
rezadora titular.

- E ainda se me permite
mais outra vez indagar:
é boa essa profissão
em que a comadre ora está?

- De um raio de muitas léguas
vem gente aqui me chamar;
a verdade é que não pude
queixar-me ainda de azar.

- E se pela última vez
me permite perguntar:
não existe outro trabalho
para mim nesse lugar?

- Como aqui a morte é tanta,

só é possível trabalhar
nessas profissões que fazem
da morte ofício ou bazar.
Imagine que outra gente
de profissão similar,
farmacêuticos, coveiros,
doutor de anel no anular,
remando contra a corrente
da gente que baixa ao mar,
retirantes às avessas,
sobem do mar para cá.
Só os roçados da morte
compensam aqui cultivar,
e cultivá-los é fácil:
simples questão de plantar;
não se precisa de limpa,
de adubar nem de regar;
as estiagens e as pragas
fazemos mais prosperar;
e dão lucro imediato;
nem é preciso esperar
pela colheita: recebe-se
na hora mesma de semear

**O RETIRANTE CHEGA À ZONA DA MATA,
QUE O FAZ PENSAR, OUTRA VEZ, EM
INTERROMPER A VIAGEM.**

- Bem me diziam que a terra
se faz mais branda e macia
quando mais do litoral

a viagem se aproxima.
Agora afinal cheguei
nesta terra que diziam.
Como ela é uma terra doce
para os pés e para a vista.
Os rios que correm aqui
têm água vitalícia.
Cacimbas por todo lado;
cavando o chão, água mina.
Vejo agora que é verdade
o que pensei ser mentira
Quem sabe se nesta terra
não plantarei minha sina?
Não tenho medo de terra
(cavei pedra toda a vida),
e para quem lutou a braço
contra a piçarra da Caatinga
será fácil amansar
esta aqui, tão feminina.
Mas não avisto ninguém,
só folhas de cana fina;
somente ali à distância
aquele bueiro de usina;
somente naquela várzea
um bangüê velho em ruína.
Por onde andaré a gente
que tantas canas cultiva?
Feriando: que nesta terra
tão fácil, tão doce e rica,
não é preciso trabalhar
todas as horas do dia,

os dias todos do mês,
os meses todos da vida.
Decerto a gente daqui
jamais envelhece aos trinta
nem sabe da morte em vida,
vida em morte, severina;
e aquele cemitério ali,
branco de verde colina,
decerto pouco funciona
e poucas covas aninha.

**ASSISTE AO ENTERRO DE UM
TRABALHADOR DE EITO E OUVI O QUE
DIZEM DO MORTO OS AMIGOS QUE
O LEVARAM AO CEMITÉRIO**

- Essa cova em que estás,
com palmos medida,
é a cota menor
que tiraste em vida.

- É de bom tamanho,
nem largo nem fundo,
é a parte que te cabe
neste latifúndio.

- Não é cova grande.
é cova medida,
é a terra que querias
ver dividida.

- É uma cova grande
para teu pouco defunto,
mas estarás mais ancho

que estavas no mundo.

- É uma cova grande
para teu defunto parco,
porém mais que no mundo
te sentirás largo.

- É uma cova grande
para tua carne pouca,
mas a terra dada
não se abre a boca.

- Viverás, e para sempre
na terra que aqui aforas:
e terás enfim tua roça.

- Aí ficarás para sempre,
livre do sol e da chuva,
criando tuas saúvas.

- Agora trabalharás
só para ti, não a meias,
como antes em terra alheia.

- Trabalharás uma terra
da qual, além de senhor,
serás homem de eito e trator.

- Trabalhando nessa terra,
tu sozinho tudo empreitas:
serás semente, adubo, colheita.

- Trabalharás numa terra
que também te abriga e te veste:
embora com o brim do Nordeste.

- Será de terra
tua derradeira camisa:
te veste, como nunca em vida.

- Será de terra

a tua melhor camisa:

te veste e ninguém cobiça.

- Terás de terra

completo agora o teu fato:

e pela primeira vez, sapato.

- Como és homem,

a terra te dará chapéu:

fosses mulher, xale ou véu.

- Tua roupa melhor

será de terra e não de fazenda:

não se rasga nem se remenda.

- Tua roupa melhor

e te ficará bem cingida:

como roupa feita à medida.

- Esse chão te é bem conhecido

(bebeu teu suor vendido).

- Esse chão te é bem conhecido

(bebeu o moço antigo)

- Esse chão te é bem conhecido

(bebeu tua força de marido).

- Desse chão és bem conhecido

(através de parentes e amigos).

- Desse chão és bem conhecido

(vive com tua mulher, teus filhos)

- Desse chão és bem conhecido

(te espera de recém-nascido).

- Não tens mais força contigo:

deixa-te semear ao comprido.

- Já não levas semente viva:

teu corpo é a própria maniva.

- Não levas rebole de cana:

és o rebolo, e não de caiana.

- Não levas semente na mão:

és agora o próprio grão.

- Já não tens força na perna:

deixa-te semear na coveta.

- Já não tens força na mão:

deixa-te semear no leirão.

- Dentro da rede não vinha nada,

só tua espiga debulhada.

- Dentro da rede vinha tudo,

só tua espiga no sabugo.

- Dentro da rede coisa vasqueira,

só a maçaroca banguela.

- Dentro da rede coisa pouca,

tua vida que deu sem soca.

- Na mão direita um rosário,

milho negro e ressecado.

- Na mão direita somente

o rosário, seca semente.

- Na mão direita, de cinza,

o rosário, semente maninha,

- Na mão direita o rosário,

semente inerte e sem salto.

- Despido vieste no caixão,

despido também se enterra o grão.

- De tanto te despiu a privação

que escapou de teu peito à viração.

- Tanta coisa despiste em vida

que fugiu de teu peito a brisa.

- E agora, se abre o chão e te abriga,

lençol que não tiveste em vida.

- Se abre o chão e te fecha,
dando-te agora cama e coberta.
- Se abre o chão e te envolve,
como mulher com que se dorme.

O RETIRANTE RESOLVE APRESSAR OS PASSOS PARA CHEGAR LOGO AO RECIFE

- Nunca esperei muita coisa,
digo a Vossas Senhorias.
O que me fez retirar
não foi a grande cobiça;
o que apenas busquei
foi defender minha vida
de tal velhice que chega
antes de se inteirar trinta;
se na serra vivi vinte,
se alcancei lá tal medida,
o que pensei, retirando,
foi estendê-la um pouco ainda.
Mas não senti diferença
entre o Agreste e a Caatinga,
e entre a Caatinga e aqui a Mata
a diferença é a mais mínima.
Está apenas em que a terra
é por aqui mais macia;
está apenas no pavio,
ou melhor, na lamparina:
pois é igual o querosene
que em toda parte ilumina,

e quer nesta terra gorda
quer na serra, de caliça,
a vida arde sempre com
a mesma chama mortiça.
Agora é que compreendo
por que em paragens tão ricas
o rio não corta em poços
como ele faz na Caatinga:
vive a fugir dos remansos
a que a paisagem o convida,
com medo de se deter,
grande que seja a fadiga.
Sim, o melhor é apressar
o fim desta ladainha,
o fim do rosário de nomes
que a linha do rio enfia;
é chegar logo ao Recife,
derradeira ave-maria
do rosário, derradeira
invocação da ladainha,
Recife, onde o rio some
e esta minha viagem se fina.

**CHEGANDO AO RECIFE O RETIRANTE
SENTA-SE PARA DESCANSAR AO PÉ DE
UM MURO ALTO E CAIADO E
OUVE, SEM SER NOTADO, A CONVERSA
DE DOIS COVEIROS**

- O dia hoje está difícil;
não sei onde vamos parar.

Deviam dar um aumento,
ao menos aos deste setor de cá.
As avenidas do centro são melhores,
mas são para os protegidos:
há sempre menos trabalho
e gorjetas pelo serviço;
e é mais numeroso o pessoal
(toma mais tempo enterrar os ricos).
- pois eu me daria por contente
se me mandassem para cá.
Se trabalhasses no de Casa Amarela
não estarias a reclamar.
De trabalhar no de Santo Amaro
deve alegrar-se o colega
porque parece que a gente
que se enterra no de Casa Amarela
está decidida a mudar-se
toda para debaixo da terra.
- É que o colega ainda não viu
o movimento: não é o que se vê.
Fique-se por aí um momento
e não tardarão a aparecer
os defuntos que ainda hoje
vão chegar (ou partir, não sei).
As avenidas do centro,
onde se enterram os ricos,
são como o porto do mar;
não é muito ali o serviço:
no máximo um transatlântico
chega ali cada dia,
com muita pompa, protocolo,

e ainda mais cenografia.

**Mas este setor de cá
é como a estação dos trens:**

**diversas vezes por dia
chega o comboio de alguém.**

**- Mas se teu setor é comparado
à estação central dos trens,
o que dizer de Casa Amarela
onde não para o vaivém?**

**Pode ser uma estação
mas não estação de trem:
será parada de ônibus,
com filas de mais de cem.**

**- Então por que não pedes,
já que és de carreira, e antigo,
que te mandem para Santo Amaro
se achas mais leve o serviço?**

**Não creio que te mandassem
para as belas avenidas
onde estão os endereços
e o bairro da gente fina:
isto é, para o bairro dos usineiros,
dos políticos, dos banqueiros,
e no tempo antigo, dos bangüezeiros
(hoje estes se enterram em carneiros);
bairro também dos industriais,
dos membros das associações patronais
e dos que foram mais horizontais
nas profissões liberais.**

**Difícil é que consigas
aquele bairro, logo de saída.**

- Só pedi que me mandasse
para as urbanizações discretas,
com seus quarteirões apertados,
com suas cômodas de pedra.
- Esse é o bairro dos funcionários,
inclusive extranumerários,
contratados e mensalistas
(menos os tarefeiros e diaristas).
Para lá vão os jornalistas,
os escritores, os artistas;
ali vão também os bancários,
as altas patentes dos comerciários,
os lojistas, os boticários,
os localizados aeroviários
e os de profissões liberais
que não se libertaram jamais.
- Também um bairro dessa gente
temos no de Casa Amarela:
cada um em seu escaninho,
cada um em sua gaveta,
com o nome aberto na lousa
quase sempre em letras pretas.
Raras as letras douradas,
raras também as gorjetas.
- Gorjetas aqui, também,
só dá mesmo a gente rica,
em cujo bairro não se pode
trabalhar em mangas de camisa;
onde se exige quepe
e farda engomada e limpa.
- Mas não foi pelas gorjetas, não,

que vim pedir remoção:
é porque tem menos trabalho
que quero vir para Santo Amaro;
aqui ao menos há mais gente
para atender a freguesia,
para botar a caixa cheia
dentro da caixa vazia.

- E que disse o Administrador,
se é que te deu ouvido?

- Que quando apareça a ocasião
atenderá meu pedido.

- E do senhor Administrador
isso foi tudo que arrancaste?

- No de Casa Amarela me deixou
mas me mudou de arrabalde.

- E onde vais trabalhar agora,
qual o subúrbio que te cabe?

- Passo para o dos industriários,
que também é o dos ferroviários,
de todos os rodoviários
e praças-de-pré dos comerciários.

- Passas para o dos operários,
deixas o dos pobres vários;
melhor: não são tão contagiosos
e são muito menos numerosos.

- É, deixo o subúrbio dos indigentes
onde se enterra toda essa gente
que o rio afoga na preamar
e sufoca na baixa-mar.

- É a gente sem instituto,
gente de braços devolutos;

são os que jamais usam luto
e se enterram sem salvo-conduto.
- É a gente dos enterros gratuitos
e dos defuntos ininterruptos.
- É a gente retirante
que vem do Sertão de longe.
- Desenrolam todo o barbante
e chegam aqui na jante.
- E que então, ao chegar,
não tem mais o que esperar.
- Não podem continuar
pois têm pela frente o mar.
- Não têm onde trabalhar
e muito menos onde morar.
- E da maneira em que está
não vão ter onde se enterrar.
- Eu também, antigamente,
fui do subúrbio dos indigentes,
e uma coisa notei
que jamais entenderei:
essa gente do Sertão
que desce para o litoral, sem razão,
fica vivendo no meio da lama,
comendo os siris que apanha;
pois bem: quando sua morte chega,
temos que enterrá-los em terra seca.
- Na verdade, seria mais rápido
e também muito mais barato
que os sacudissem de qualquer ponte
dentro do rio e da morte.
- O rio daria a mortalha e até um macio

caixão de água;
e também o acompanhamento
que levaria com passo lento
o defunto ao enterro final
a ser feito no mar de sal.
- E não precisava dinheiro,
e não precisava coveiro,
e não precisava oração
e não precisava inscrição.
- Mas o que se vê não é isso:
é sempre nosso serviço
crescendo mais cada dia;
morre gente que nem vivia.
- E esse povo de lá de riba
de Pernambuco, da Paraíba,
que vem buscar no Recife
poder morrer de velhice,
encontra só, aqui chegando,
cemitério esperando.
- Não é viagem o que fazem
vindo por essas caatingas, vargens;
aí está o seu erro:
vêm é seguindo seu próprio enterro

O RETIRANTE APROXIMA-SE DE UM DOS CAIS DO CAPIBARIBE

- Nunca esperei muita coisa,
é preciso que eu repita.
Sabia que no rosário
de cidade e de vilas,

e mesmo aqui no Recife
ao acabar minha descida,
não seria diferente
a vida de cada dia:
que sempre pás e enxadas
foices de corte e capina,
ferros de cova, estrovengas
o meu braço esperariam.
Mas que se este não mudasse
seu uso de toda vida,
esperei, devo dizer,
que ao menos aumentaria
na quartinha, a água pouca,
dentro da cuia, a farinha,
o algodãozinho da camisa,
ao meu aluguel com a vida.
E chegando, aprendo que,
nessa viagem que eu fazia,
sem saber desde o Sertão,
meu próprio enterro eu seguia.
Só que devo ter chegado
adiantado de uns dias;
o enterro espera na porta:
o morto ainda está com vida.
A solução é apressar
a morte a que se decida
e pedir a este rio,
que vem também lá de cima,
que me faça aquele enterro
que o coveiro descrevia:
caixão macio de lama,

mortalha macia e líquida,
coroas de baronesa
junto com flores de aninga,
e aquele acompanhamento
de água que sempre desfila
(que o rio, aqui no Recife,
não seca, vai toda a vida).

**APROXIMA-SE DO RETIRANTE O
MORADOR DE UM DOS MOCAMBOS QUE
EXISTEM ENTRE O CAIS E A
ÁGUA DO RIO**

- Seu José, mestre carpina,
que habita este lamaçal,
sabes me dizer se o rio
a esta altura dá vau?
sabes me dizer se é funda
esta água grossa e carnal?

- Severino, retirante,
jamais o cruzei a nado;
quando a maré está cheia
vejo passar muitos barcos,
barcaças, alvarengas,
muitas de grande calado.

- Seu José, mestre carpina,
para cobrir corpo de homem
não é preciso muito água:
basta que chega o abdome,
basta que tenha fundura
igual à de sua fome.

- Severino, retirante
pois não sei o que lhe conte;
sempre que cruzo este rio
costumo tomar a ponte;
quanto ao vazio do estômago,
se cruza quando se come.

- Seu José, mestre carpina,
e quando ponte não há?
quando os vazios da fome
não se tem com que cruzar?
quando esses rios sem água
são grandes braços de mar?

- Severino, retirante,
o meu amigo é bem moço;
sei que a miséria é mar largo,
não é como qualquer poço:
mas sei que para cruzá-la
vale bem qualquer esforço.

- Seu José, mestre carpina,
e quando é fundo o perau?
quando a força que morreu
nem tem onde se enterrar,
por que ao puxão das águas
não é melhor se entregar?

- Severino, retirante,
o mar de nossa conversa
precisa ser combatido,
sempre, de qualquer maneira,
porque senão ele alarga
e devasta a terra inteira.

- Seu José, mestre carpina,

e em que nos faz diferença
que como frieira se alastre,
ou como rio na cheia,
se acabamos naufragados
num braço do mar miséria?

- Severino, retirante,
muita diferença faz
entre lutar com as mãos
e abandoná-las para trás,
porque ao menos esse mar
não pode adiantar-se mais.

- Seu José, mestre carpina,
e que diferença faz
que esse oceano vazio
cresça ou não seus cabedais
se nenhuma ponte mesmo
é de vencê-lo capaz?

- Seu José, mestre carpina,
que lhe pergunte permita:
há muito no lamaçal
apodrece a sua vida?
e a vida que tem vivido
foi sempre comprada à vista?

- Severino, retirante,
sou de Nazaré da Mata,
mas tanto lá como aqui
jamais me fiaram nada:
a vida de cada dia
cada dia hei de comprá-la.

- Seu José, mestre carpina,
e que interesse, me diga,

**há nessa vida a retalho
que é cada dia adquirida?
espera poder um dia
comprá-la em grandes partidas?**

**- Severino, retirante,
não sei bem o que lhe diga:
não é que espere comprar
em grosso tais partidas,
mas o que compro a retalho
é, de qualquer forma, vida.**

**- Seu José, mestre carpina,
que diferença faria
se em vez de continuar
tomasse a melhor saída:
a de saltar, numa noite,
fora da ponte e da vida?**

**UMA MULHER, DA PORTA DE ONDE SAIU
O HOMEM, ANUNCIA-LHE O QUE SE
VERÁ**

**- Compadre José, compadre,
que na relva estais deitado:
conversais e não sabeis
que vosso filho é chegado?
Estais aí conversando
em vossa prosa entretida:
não sabeis que vosso filho
saltou para dentro da vida?
Saltou para dentro da vida
ao dar o primeiro grito;**

**e estais aí conversando;
pois sabeis que ele é nascido.**

**APARECEM E SE APROXIMAM DA CASA
DO HOMEM VIZINHOS, AMIGOS, DUAS
CIGANAS, ETC**

**- Todo o céu e a terra
lhe cantam louvor.
Foi por ele que a maré
esta noite não baixou.
- Foi por ele que a maré
fez parar o seu motor:
a lama ficou coberta
e o mau-cheiro não voou.
- E a alfazema do sargaço,
ácida, desinfetante,
veio varrer nossas ruas
enviada do mar distante.
- E a língua seca de esponja
que tem o vento terral
veio enxugar a umidade
do encharcado lamaçal.
- Todo o céu e a terra
lhe cantam louvor
e cada casa se torna
num mocambo sedutor.
- Cada casebre se torna
no mocambo modelar
que tanto celebram os
sociólogos do lugar.**

- E a banda de maruins
que toda noite se ouvia
por causa dele, esta noite,
creio que não irradia.

- E este rio de água, cega,
ou baça, de comer terra,
que jamais espelha o céu,
hoje enfeitou-se de estrelas.

COMEÇAM A CHEGAR PESSOAS TRAZENDO PRESENTES PARA O RECÉM NASCIDO

- Minha pobreza tal é
que não trago presente grande:
trago para a mãe caranguejos
pescados por esses mangues;
mamando leite de lama
conservará nosso sangue.

- Minha pobreza tal é
que coisa alguma posso ofertar:
somente o leite que tenho
para meu filho amamentar;
aqui todos são irmãos,
de leite, de lama, de ar.

- Minha pobreza tal é
que não tenho presente melhor:
trago este papel de jornal
para lhe servir de cobertor;
cobrindo-se assim de letras
vai um dia ser doutor.

- Minha pobreza tal é
que não tenho presente caro:
como não posso trazer
um olho d'água de Lagoa do Cerro,
trago aqui água de Olinda,
água da bica do Rosário.

- Minha pobreza tal é
que grande coisa não trago:
trago este canário da terra
que canta sorrindo e de estalo.

- Minha pobreza tal é
que minha oferta não é rica:
trago daquela bolacha d'água
que só em Paudalho se fabrica.

- Minha pobreza tal é
que melhor presente não tem:
dou este boneco de barro
de Severino de Tracunhaém.

- Minha pobreza tal é
que pouco tenho o que dar:
dou da pitu que o pintor Monteiro
fabricava em Gravatá.

- Trago abacaxi de Goiana
e de todo o Estado rolete de cana.

- Eis ostras chegadas agora,
apanhadas no cais da Aurora.

- Eis tamarindos da Jaqueira
e jaca da Tamarineira.

- Mangabas do Cajueiro
e cajú da Mangabeira.

- Peixe pescado no Passarinho,

- carne de boi dos Peixinhos.
- Siris apanhados no lamaçal
que já no avesso da rua Imperial.
 - Mangas compradas nos quintais ricos
do Espinheiro e dos Aflitos.
 - Goiamuns dados pela gente pobre
da Avenida Sul e da Avenida Norte.

FALAM AS DUAS CIGANAS QUE HAVIAM APARECIDO COM OS VIZINHOS

- Atenção peço, senhores,
para esta breve leitura:
somos ciganas do Egito, lemos a sorte futura.
Vou dizer todas as coisas
que desde já posso ver
na vida desse menino
acabado de nascer:
aprenderá a engatinhar
por aí, com aratus,
aprenderá a caminhar
na lama, como goiamuns,
e a correr o ensinarão
os anfíbios caranguejos,
pelo que será anfíbio
como a gente daqui mesmo.
Cedo aprenderá a caçar:
primeiro, com as galinhas,
que é catando pelo chão
tudo o que cheira a comida;
depois, aprenderá com

outras espécies de bichos:
com os porcos nos monturos,
com os cachorros no lixo.
Vejo-o, uns anos mais tarde,
na ilha do Maruim,
vestido negro de lama,
voltar de pescar siris;
e vejo-o, ainda maior,
pelo imenso lamarão
fazendo dos dedos iscas
para pescar camarão.
- Atenção peço, senhores,
também para minha leitura:
também venho dos Egitos,
vou completar a figura.
Outras coisas que estou vendo
é necessário que eu diga:
não ficará a pescar
de jereré toda a vida.
Minha amiga se esqueceu
de dizer todas as linhas;
não pensem que a vida dele
há de ser sempre daninha.
Enxergo daqui a planura
que é a vida do homem de ofício,
bem mais sadia que os mangues,
tenha embora precipícios.
Não o vejo dentro dos mangues,
vejo-o dentro de uma fábrica:
se está negro não é lama,
é graxa de sua máquina,

coisa mais limpa que a lama
do pescador de maré
que vemos aqui vestido
de lama da cara ao pé.
E mais: para que não pensem
que em sua vida tudo é triste,
vejo coisa que o trabalho
talvez até lhe conquiste:
que é mudar-se destes mangues
daqui do Capibaribe
para um mocambo melhor
nos mangues do Beberibe.

**FALAM OS VIZINHOS, AMIGOS, PESSOAS
QUE VIERAM COM PRESENTES, ETC**

- De sua formosura
já venho dizer:
é um menino magro,
de muito peso não é,
mas tem o peso de homem,
de obra de ventre de mulher.

- De sua formosura
deixai-me que diga:
é uma criança pálida,
é uma criança franzina,
mas tem a marca de homem,
marca de humana oficina.

- Sua formosura
deixai-me que cante:
é um menino guenzo

como todos os desses mangues,
mas a máquina de homem
já bate nele, incessante.

- Sua formosura

eis aqui descrita:

é uma criança pequena,
enclenque e setemesinha,
mas as mãos que criam coisas
nas suas já se adivinha.

- De sua formosura

deixai-me que diga:

é belo como o coqueiro
que vence a areia marinha.

- De sua formosura

deixai-me que diga:

belo como o avelós
contra o Agreste de cinza.

- De sua formosura

deixai-me que diga:

belo como a palmatória
na caatinga sem saliva.

- De sua formosura

deixai-me que diga:

é tão belo como um sim
numa sala negativa.

- É tão belo como a soca

que o canavial multiplica.

- Belo porque é uma porta

abrindo-se em mais saídas.

- Belo como a última onda

que o fim do mar sempre adia.

- É tão belo como as ondas
em sua adição infinita.
- Belo porque tem do novo
a surpresa e a alegria.
- Belo como a coisa nova
na prateleira até então vazia.
- Como qualquer coisa nova
inaugurando o seu dia.
- Ou como o caderno novo
quando a gente o principia.
- E belo porque o novo
todo o velho contagia.
- Belo porque corrompe
com sangue novo a anemia.
- Infecciona a miséria
com vida nova e sadia.
- Com oásis, o deserto,
com ventos, a calmaria.

**O CARPINA FALA COM O RETIRANTE
QUE ESTEVE DE FORA, SEM TOMAR
PARTE DE NADA**

- Severino, retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida;
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga

é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.
E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.

MELLO NETO, João Cabral de. **Morte e Vida Severina**. Texto integral. Edição nº2 - 14/05/99. Disponível em: https://www.curso-objetivo.br/vestibular/obras_literarias/Joao_Cabral_Melo_Neto/morte_severina.pdf. Acesso em 17 Dez. 2022.